Miniaturas Biographicas

A. C. CHICHORRO DA GAMA

MINIATURAS BIOGRAPHICAS

(Apontamentos de litteratura classica brasileira)

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1914

I

Padre José de Anchieta

(1534-1597)

Natural de S. Christovão da Laguna, na ilha de Teneriffe, uma das Canarias, entrou em 1551 para a Companhia de Jesus.

Dous annos depois, aportava ás nossas plagas, percorrendo, como catechista abrazado de inquebrantavel fé, a Bahia, S. Vicente, Rio de Janeiro e Espirito Santo. Chegou a exercer no Brasil, entre outros cargos de sua Ordem, o de Provincial, fallecendo em Rerityba, aldeia de indios do Espirito Santo, antiga Benevente, hoje denominada cidade de Anchieta.

Escreveu em quatro linguas: portugueza, hespanhola, tupy e latina, e deixou:

« Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil ». *Coimbra, 1595. Leipzig, 1874. Ibi, edição fac-similaria stereotypa, 1876.*

« Em louvor da Virgem », poema em versos latinos. — (Vide : Padre Simão de Vasconcellos — Vida do veneravel Padre Joseph de Anchieta — *in fine. Lisboa, 1672.)*

« Autos, poesias, cartas, informações, fragmentos historicos ». — (Vide : Curso de litteratura brasileira e Parnaso brasileiro, de Mello Moraes Filho. *Rio de Janeiro, H. Garnier, editor;* Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, *passim;* Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *idem;* Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brasil, publicados por ordem do Ministerio da Fazenda. N. 1. *Rio de Janeiro, 1886.*

Pelo tricentenario de sua morte, foi Anchieta alvo de uma série de conferencias, realizadas em S. Paulo, e reunidas, desde 1900, em volume, editado pela casa Aillaud, de Paris.

II

Pero de Magalhães de Gandavo

Embora nascido em Portugal (Braga), é incluido pelos estudiosos das lettras patrias entre os primitivos representantes de nossa historiographia.

As datas de seu nascimento e de sua morte não estão averiguadas. Sabe-se que viveu no Brasil alguns annos, ignorando-se os pormenores de sua vida.

Deixou, além de uma obra sobre ortographia da lingua portugueza :

« Historia da provincia Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil », dirigida ao muito illustre Sr. D. Lionis Pereira, Governador que foi de Malaca e das mais partes do sul da India, *Lisbôa, 1576. Ibi, 1858.* — (Vide : Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro — tomo XXI.)

« Tratado da terra do Brasil, no qual se contém a informação das cousas que ha nestas partes ». — (Vide : Collecção de noti-

cias para a historia e geographia das nações ultramarinas — tomo IV. *Lisbôa, 1826.*

« Muito antes de Portugal e do Brasil, diz o Dr. Ramiz Galvão, referindo-se á « Historia da provincia Santa Cruz », já Ternaux Compans, apreciador intelligente do valor deste precioso livro, o havia feito conhecer, traduzindo-o para francez e incluindo-o no tomo II da collecção intitulada : « Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique », *Paris, Arthus Bertrand, 1837, in-8.°*

Da edição *princeps* desta obra conhecem-se talvez quatro exemplares, incluindo o que possue a nossa Bibliotheca Nacional.

III

GABRIEL SOARES DE SOUSA

Natural de Portugal. Não se póde precisar as datas de seu nascimento e de sua morte, sabendo-se que foi senhor de engenho na Bahia, nella residente dezesete annos, seu vereador da Camara, etc.

Escreveu :

« Roteiro geral, com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil e a descripção de muitos lugares della, especialmente da Bahia de Todos os Santos ».

Em edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França e accrescentada de alguns commentarios, foi este Roteiro publicado por Francisco Adolpho de Varnhagen, com o seguinte titulo :

« Tratado descriptivo do Brasil em 1587 ». *Rio de Janeiro, 1851. Ibi, 1879.* — (Vide :

« Rev. do Inst. Hist. e Geographico brasileiro — tomo XIV.)

Numa memoria publicada na revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXI, onde tambem se encontra a « Historia da provincia Santa Cruz » o illustre editor do « Tratado » procurou esclarecer certos pontos da vida deste abundante chronista, cuja obra foi, pela primeira vez, publicada segundo um codice menos correcto, na « Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas » *(Lisbôa, 1825*, tomo III, part. I), sob o titulo de : « Noticia do Brasil, descripção verdadeira da costa daquelle Estado, que pertence á corôa do Reino de Portugal, sitio de Bahia de Todos os Santos ».

IV

Padre Fernão Cardim

(1540-1625)

E' tambem incluido na galeria dos nossos autores, nascido embora em Portugal (Vianna).

Jesuita, exerceu no Brasil, além do cargo de Provincial, o de Reitor dos collegios do Rio de Janeiro e da Bahia, onde ainda se achava quando a cidade foi invadida pelos Hollandezes (1624).

Morreu em Abrantes (Portugal).

Deixou:

« Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), etc.; desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa ». *Lisbôa, 1847.*

(Vide: Rev. do Inst. Hist. Brasileiro — tomo LXV, part. I.)

« Do principio e origem dos indios do

Brasil e dos seus costumes, adoração e ceremonias » *Rio de Janeiro, 1881.*

O primeiro destes escriptos veio á luz da publicidade a esforços do nosso historiador Varnhagen, visconde de Porto Seguro; o segundo, por iniciativa de Ferreira de Araujo, como contingente á exposição de historia patria, realizada na Bibliotheca Nacional (1881).

V

Bento Teixeira

Natural de Pernambuco. A seu respeito faltam noticias positivas. Não se lhe póde fixar o anno do nascimento, ignorando-se onde e quando falleceu,

Deixou :

« Prosopopéa », dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, Nova Lusitania, etc. *Em Lisbôa*, anno MCCCCCCI.

Em 1863 fez-se, nesta cidade, uma reproducção fiel dessa edição, segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional.

Os escriptos — « Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1565 » (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. — tomo VI da 2.ª série, 1850) e « Dialogos das grandezas do Brazil » (*) (Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pernambu-

---

(*) Pairam ainda duvidas sobre quem seja o autor desses Dialogos, já datados de 1618.

cano, do n. 28 em diante. *Recife, 1883-87)*, foram-lhe attribuidos infundadamente.

A « Prosopopéa », poemeto em oitava rima, além do interesse chronologico e bibliographico que possue e da influencia camoneana que manifesta, quasi nada offerece digno de menção.

Vem-lhe o prestigio de ser a primeira producção impressa de autor brasileiro.

Ao sobrenome deste pernambucano anda vulgarmente addicionado PINTO: o que não consta de sua assignatura no prologo do poemeto indicado, unico lugar da obra em que ella apparece.

VI

Fr. Vicente do Salvador

(1564-163...)

Natural de Matoim, na Bahia. Graduado *in utroque jure* pela Universidade de Coimbra, ordenou-se na terra natal, professando depois como franciscano. Deixou : « Chronica da Custodia do Brasil », *Msc* ; esta « Chronica » tem permanecido inedita.

« Historia do Brasil ». (Vide : « Historia do Brasil » de Frei Vicente de Salvador. *Rio de Janeiro, 1889*. (Publicação da Bibliotheca Nacional.)

Esta historia abrange o periodo que vai de 1500 a 1627. E' considerada a primeira escripta por um filho do paiz.

Fr. Vicente falleceu entre 1636 e 1639, tendo desempenhado, entre outros encargos de sua Ordem no Brasil, o de custodio e o de guardião do convento da Bahia.

Quando se deu a invasão desta pelos hollandezes, em 1624, esteve aprisionado no mar, voltando do Rio de Janeiro.

Seu nome no seculo era Vicente Rodrigues Palha.

VII

BERNARDO VIEIRA RAVASCO

(1617-1697)

Natural da Bahia. Serviu no Exercito e exerceu o cargo de Secretario do Estado do Brasil.

Era irmão do grande Padre ANTONIO VIEIRA (1608-1697), filho de Lisbôa, mas muito ligado á nossa vida espiritual, a quem seguio no tumulo com dous dias de intervallo.

Além de poesias portuguezas e castelhanas deixou:

« Descripção topographica, ecclesiastica, civil e natural do Estado do Brasil ». *Msc.*

O abbade Diogo Barbosa Machado, na « Bibliotheca Lusitana » á pag. 538 do tomo 1.° *(Lisbôa, 1741)*, transcreveu o começo de uma parte desta « Descripção topographica ».

Na « Fenix renascida » *(Lisbôa, 1746,* 2.ª ed.), encontram-se trabalhos poeticos deste autor.

VIII

PADRE ANTONIO DE SÁ

(1620-1678)

Natural do Rio de Janeiro. Entrou para a Companhia de Jesus em 1639.

Era filiado á escola que tinha por luminar o Padre Antonio Vieira, fallecido na Bahia, onde se educara e longo tempo vivera.

Prégador insigne, Sá foi em tempo Secretario do Geral dos Jesuitas em Roma.

Deixou : « Sermões varios ». — *Lisbôa, 1750.*

IX

Padre Francisco de Sousa

(1628-1713)

Natural da ilha de Itaparica, na Bahia. Jesuita. Residio longos annos e falleceu em Gôa.

Escreveu : « Oriente conquistado a Jesu-Christo pelos padres da Companhia de Jesus da provincia de Gôa ». — *Lisbôa, 1710.*

Esta obra, da qual só se publicaram as duas primeiras partes, colloca o seu autor entre os classicos de melhor nota, contendo, segundo Pereira da Silva, importantes noções sobre o Brasil.

X

Frei Euzebio de Mattos

(1629-1692)

Natural da Bahia. Professando na Companhia de Jesus em 1644, della sahio desgostoso. Fazendo-se carmelita, tomou o sobrenome de Soledade.

Deixou : « Sermões ». *Lisbôa, 1677, 1681, 1694.*

« Oração funebre nas exequias do Bispo D. Estevão dos Santos ». *Ibi, 1735.*

« Poesias » : (Vide : « Florilegio da poesia brasileira », de F. A. de Varnhagen. Tomo I. *Lisbôa, 1850.)*

Foi discipulo e emulo do Padre Vieira, que o tinha na melhor conta.

XI

Gregorio de Mattos Guerra

(1633-1696)

Irmão do precedente e tambem natural da Bahia.

Graduado em direito pela Universidade de Coimbra, exerceu a advocacia e a judicatura em Lisbôa, antes de regressar á terra natal, onde serviu, a principio, empregos dependentes do Arcebispado, advogando simplesmente depois.

Morreu no Recife, depois de ter assistido em Loanda, levado pela malquerença que lhe acarretava a expansão de sua indole satyrica. Devido a esta, sua individualidade sobresae accentuadamente no meio colonial brasileiro.

Deixou : « Satiras, poesias eroticas, etc. »

(Vide : « Florilegio da poesia brasileira », de Varnhagen. Tomo 1.° e « Obras poeticas » de Gregorio de Mattos Guerra, precedidas

da vida do poeta, pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Publicadas por Alfredo do Valle Cabral. Tomo I.° *Rio de Janeiro, 1882.)* Destas « Obras poeticas » apenas se publicou o tomo primeiro (satyricas).

O anno do nascimento de Gregorio é fixado por alguns em 1623. Note-se, porém, que elle era o mais novo dos irmãos e que sobre o anno do nascimento de Euzebio (1629) são accordes todas as fontes.

A indicação aqui seguida é dada por um codice a que se cingiu Varnhagen.

XII

Manoel Botelho de Oliveira

(1636-1711)

Natural da Bahia. Estudou direito em Coimbra e fez-se advogado ao voltar á cidade natal. Foi vereador e chegou a capitão-mór.

Deixou:

« Musica do Parnaso », dividida em quatro córos de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com um descante comico reduzido em duas comedias ». *Lisbôa, 1705.*

As poesias portuguezas desta collecção foram consideradas classicas de linguagem pela Academia Real das Sciencias de Lisbôa.

A « Ilha da Maré » é uma das mais apreciadas.

XIII

Nuno Marques Pereira

(1652-1728)

Natural da villa de Cayrú, na Bahia.

Nada mais se póde dizer deste autor, tido por Sylvio Roméro como precursor da novellistica popular brasileira, a não ser que falleceu em Lisbôa, pouco depois da publicação da seguinte obra, unica que deixou:

« Compendio narrativo do Peregrino da America », em que se tratam varios discursos espirituaes e moraes, com muitas advertencias e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil. *Lisbôa, 1728. Ibi, 1731, 1752, 1755, 1760, 1765.*

O « Peregrino da America (abreviatura do titulo supra) é uma narrativa de alcance moral, de que Varnhagen se occupou especialmente, no « Diario Official do Imperio

do Brasil », de 5 de Março de 1873, dando-lhe, por engano, como segunda, a edição de 1760.

Por outro engano, já vimos tambem ser-lhe dada, como primeira, a de 1731.

XIV

Padre Antonio Gonçalves Leitão

Natural do Recife, onde fez os seus estudos regulares e recebeu as ordens sacras. O padre Lino do Monte Carmello Luna, na « Memoria historica e biographica do clero pernambucano ». *(Recife, 1857)*, nada adianta sobre informações mais amplas referentes á vida deste autor, que não é contemplado em outras fontes de consulta.

Deixou:

« Guerra civil ou sedições de Pernambuco ». Exemplo aos vindouros. 1.ª parte. (Vide « Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. » — XVI.)

A guerra civil de que trata este escripto é a dos *Mascates*, que teve por theatro Pernambuco (1710-11) e cuja chronica foi composta á medida que os factos se iam succedendo.

Dando-lhe alguns retoques, José Bernardo

Fernandes Gama reduzio as duas partes de que a mesma se compunha a um só livro, que é o nono de suas « Memorias historicas da provincia de Pernambuco » *(Recife, 1844-48)*, declarando que foi o unico documento que teve e que havia dessa guerra desoladora, que infelicitou tantos pernambucanos illustres e patriotas. »

Sobre a guerra dos Mascates, em contrario do que affirmou Fernandes Gama, existe tambem uma extensa memoria, correcta e augmentada em 1749, escripta pelo cirurgião Manoel dos Santos, natural de Lisbôa e que residiu no Recife, sob o titulo : « Narração historica das calamidades de Pernambuco succedidas desde o anno de 1707 a 1715 » — Memoria que se acha no tomo LIII, parte 1.ª, da Rev. do nosso Inst. Historico, occorrendo o nome do autor numa carta que precede a obra, onde declara não ser esta, como em tempo corria, de algum padre da congregação de S. Felippe Neri.

XV

Sebastião da Rocha Pita

(1660-1738)

Natural da Bahia.

Formado em canones pela Universidade de Coimbra, entregou-se, de volta á patria, a trabalhos agricolas, numa fazenda de sua propriedade.

Coronel do regimento de infantaria da Ordenança na cidade natal e dos privilegiados della, cavalleiro professo da Ordem do Christo, foi academico supranumerario da Academia Real de historia portugueza e membro da dos Esquecidos, uma das aggremiações litterarias do seculo XVIII entre nós, fundada na Bahia, em 1724.

Além de versos e de um « Tratado politico » (inedito), deixou:

« Historia da America portugueza, desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte e quatro. » *Lisbôa, 1730, Bahia, 1878, Lisbôa,*

1880, Rio de Janeiro e Paris, H. Garnier, s. d.

A 2.ª edição desta « Historia » devida ao Barão Homem de Mello, quando presidente da Bahia, contém, em appendice, vertida para portuguez, uma narrativa da expedição dos hollandezes á Bahia, em 1638, extrahida da « Historia dos factos recentemente occorridos no Brasil e em outros lugares, durante oito annos, sob o Governo do Conde João Mauricio de Nassau » — obra de Gaspar Barlœus, escripta em latim e publicada em 1647, em Amsterdam.

XVI

Padre João Alvares Soares

(1676-....)

Natural da Bahia.

Mestre em artes pelo collegio dos jesuitas da cidade natal, seguio a carreira das armas até o posto de capitão, trocando-a, em 1878, pela ecclesiastica.

Socio da Academia-Brasilica dos Esquecidos, nella proferio uma oração, incluida no livro 2.° das Conferencias em manuscripto da mesma Academia, que possue o nosso Instituto Historico.

Deixou :

« Progymnasma litterario e thesouro de erudiçam sagrada e humana para enriquecer o animo de prendas e a alma de virtudes... Tomo 1.°, que contém setenta e dous discursos moraes, politicos, academicos, doutrinaes, asceticos e predicaveis, dispostos pelas lettras do alphabeto até á lettra C. » *Lisbôa, 1737.*

Correm tambem impressos deste autor, a quem Varnhagen chama « o erudito Soares Bahiense », quatro sonetos em castelhano á morte de D. Pedro II e um sermão de Santa Anna. Não foi além do tomo 1.° a publicação do « Progymnasma », onde Alvares Soares se diz « sacerdote philosopho, graduado e theologo nos Estudos Geraes do Collegio da Companhia de Jesus, na Bahia ».

O Gabinete Portuguez de Leitura, nesta capital, possue um exemplar desta obra.

XVII

Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão

(1685-1724)

Natural de Santos.

Cabe-lhe a gloria da invenção dos aerostatos, cuja experiencia fez em Lisbôa, no anno de 1709.

Era doutor em canones pela Universidade de Coimbra. Fidalgo capellão da Casa Real, foi tambem encarregado por Dom João V de missões diplomaticas na curia romana. Ao inaugurar-se a Academia real de historia portugueza(1720), entrou no numero dos primeiros academicos que a constituiram.

Morreu em Toledo, tendo, pouco antes, abandonado Portugal, onde, por seu invento, fôra alvo de motejos e zombarias deste quilate:

« Com que engenho te atreves, brasileiro,
A voares no ar, sendo pateiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota?
Melhor te fôra, na região remota
Onde nasceste, estar com siso inteiro. »

Além de escriptos comprobatorios do « Novo invento aerostatico ou machina volante » e de uma memoria sobre « varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua », deixou:

« Sermões » *Lisbôa, 1712, 1718, 1721.*

« Conta de estudos academicos. »

(Vide: « Collecção dos documentos e memorias da Academia Real de Historia Portugueza — tomo 3.º)

O sobrenome de « Gusmão », por que é geralmente conhecido este padre scientista, não é de sua familia. Seu pai, que era cirurgião-mór, chamava-se Francisco Lourenço e sua mãi, Maria Alvares.

XVIII

Alexandre de Gusmão

(1695-1753)

Irmão do precedente e tambem natural de Santos. Era doutor em direito civil pela Universidade de Pariz, incorporado na de Coimbra. Diplomata, estadista, homem de lettras, ornamento da Academia Real de Historia Portugueza, gozou de grande prestigio na Còrte de D. João V, de quem foi secretario particular (escrivão da puridade). Afilhado do jesuita Alexandre de Gusmão, natural de Lisbòa, que viveu largos annos e falleceu no Brasil, desse padre vieram-lhe o nome e o sobre-nome, sendo este tambem adoptado por seu irmão Bartholomeu.

Deixou : « Escriptos politicos e litterarios, cartas, poesias. »

(Vide : « Collecção de varios escriptos ineditos de Alexandre de Gusmão. Que dá á luz J. M. T. de C. *Porto, 1841, Ibi, 1844.*

XIX

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão

(1695-17...)

Natural de Santo Amaro de Jaboatão, em Pernambuco. Franciscano. Exerceu diversos cargos de sua Ordem, entre os quaes o de chronista.

Deixou, além de sermões, avulsos, publicados e ineditos :

« Jaboatão mystico, em correntes sacras dividido. Corrente primeira, panegyrica e moral. » *Lisbôa, 1758.*

« Orbe Seraphico, novo brasilico, descoberto, estabelecido e cultivado a influxos da nova luz de Italia, estrella brilhante de Hespanha, luzido sol de Padua, astro maior do céo de Francisco, o thaumaturgo portuguez, Santo Antonio, a quem vai consagrado como theatro glorioso e Parte primeira da Chronica dos frades menores da mais estreita e regular observancia da Provincia do Brasil. » *Lisbôa, 1761.*

« Catalogo genealogico das principaes familias que procederam dos Albuquerques e Cavalcantes em Pernambuco a Caramurús na Bahia. »

(Vide : « Rev. do Inst. Hist. Bras. — tome LII — 1889). »

A primeira parte do « Orbe Seraphico » foi mandada reimprimir pelo Instituto Historico Brasileiro, que lhe juntou a segunda, até então inedita (1858-62.)

Academico do numero da Academia Brasilica dos Renascidos, fundada na Bahia em 1759, Joboatão ainda era vivo em 1768, anno em que se dá por concluido o « Catalogo genealogico » indicado.

XX

D. Rita Joanna de Sousa

(1696-1719)

Natural de Olinda. Fallecendo na flor dos annos, « deixou o seu nome eternizado, diz o abbade Barbosa Machado (« Bibliotheca Lusitana » — tomo III), na arte da pintura, lição da Historia e noticia de philosophia natural ».

Anteriormente, Damião de Fróes Perim (frei João de S. Pedro), contemplando-a em seu « Theatro heroino » *Lisbôa, 1736-40*, encarecera-lhe os dotes intellectuaes e a não vulgar instrucção.

Escreveu uns « Tratados de philosophia natural », que ficaram ineditos.

XXI

Frei José Pereira de Santa Anna

(1696-1759)

Natural do Rio de Janeiro. Carmelita. Exerceu cargos de sua Ordem, sendo doutor em theologia, professor desta disciplina e de philosophia, etc.

Além de obras asceticas, deixou:

« Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observancia nestes reinos de Portugal, Algarve e seus dominios. » *Lisbôa, 1745-51.*

Desta chronica só se publicaram dous tomos, tendo perecido os dous restantes, em via de publicação, no incendio do convento do Carmo, por occasião do terremoto de Lisbôa em 1755.

Morreu este autor no paço de Salvaterra, em Portugal.

XXII

Simão Pereira de Sá

(1701-...)

Irmão do precedente e tambem natural do Rio de Janeiro. Mestre em artes pelo Collegio dos Jesuitas de sua terra natal, formou-se em canones pela Universidade de Coimbra. Voltando ao Rio, era em 1752 procurador da Corôa e Fazenda e promotor do Juizo da Provedoria das capellas e residuos. Socio da Academia dos Selectos, iniciada nesta cidade (1752) em honra ao Governador Gomes Freire de Andrada, sob cujos auspicios tambem se fundára anteriormente (1736) a dos Felizes, collaborou numa publicacão promovida pelo Dr. Manoel Tavares de Siqueira e Sá e dedicada áquelle governador, com o titulo de « Jubilos da America » (1754).

Além de « Orações academicas », de umas « Noticias chronologicas do bispado do Rio de Janeiro », etc., deixou :

« Historia topographica e bellica da nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata. »

Editada pelo Lyceu Litterario Portuguez do Rio de Janeiro, em commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, falta a esta obra grande parte do livro 3.º, completado, aliás, pelo autor, segundo o testemunho de Barbosa Machado. (« Bibl. Lus. tom. 3.º »)

XXIII

Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica

(1704-...)

Natural da ilha de Itaparica, na Bahia, Franciscano. Designado em tempo pelo « Anonymo itaparicano ».

Deixou :

« Eustachidos. » Poema sacro e tragi-comico, em que se contém a vida de Santo Eustachio Martyr, chamado antes Placido e de sua mulher e filhos. — Dado á luz por um devoto do santo. S. l. n. d.

« Descripção da ilha de Itaparica. » *Bahia, 1841.*

(Vide : « Florilegio da poesia brasileira » de Varnhagen. Tomo I. *Lisbôa, 1850).*

O poema « Eustachidos » do qual já se disse ser o melhor, no seu genero, da lingua portugueza, dado á luz sem o nome do autor e sem o lugar e o anno da impressão, como refere Varnhagen, compõe-se de seis cantos,

precedido cada qual de uma oitava como argumento. A « Descripção da ilha de Itaparica » veio a publico, pela primeira vez, appensa ao mesmo poema.

Por occasião das exequias que a Bahia celebrou pela morte de D. João V (1751), appareceram versos latinos e portuguezes deste autor, cujo fallecimento não se póde precizar em que data occorreu; sabendo-se, pelo testemunho de Jaboatão que em 1761 ainda era vivo.

XXIV

Antonio José da Silva

(1705-1739)

Natural do Rio de Janeiro.

Accusado de judaisante, morreu num auto da fé, em Lisboa, onde exercia a profissão de advogado.

Era filho de João Mendes da Silva, tambem advogado e poeta e tambem natural do Rio de Janeiro.

Deixou :

« Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança, comedia ; Esopaida ou vida de Esopo, idem ; Os encantos de Medéa, idem ; Amphitrião ou Jupiter e Alcmena, idem ; Labyrintho de Creta, idem ; Guerras do alecrim e mangerona, idem ; As Variedades de Proteo, idem ; Precipicio de Faetonte, idem.

(Vide : « Theatro comico portuguez ou Collecção das operas que se representaram

na Casa do Theatro Publico do Bairro Alto de Lisbôa », etc. 1.° e 2.° tomos. *Lisbôa, 1787-88* — « Theatro de Antonio José. » Edição popular, precedida de noticia critica e bibliographica, por João Ribeiro, 2 vols. *Rio de Janeiro e Paris, H. Garnier, 1910-11.*)

« Obras do diabinho da mão furada, para espelho de seus enganos e desenganos de seus arbitrios. Palestra moral e profana, onde o curioso aprenda, para o divertimento, dictames e para o passa-tempo, recreios. » (Vide: « Revista Brasileira », *Rio de Janeiro, 1857-1861.* Tomos 3.° e 4.°)

De 1733 a 1738, datam as comedias referidas, chamadas então operas jocosas e joco-sérias.

As mais apreciadas são as que se intitulam « Guerras do alecrim e mangerona » e « Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança, » ultimamente publicadas e prefaciadas por Mendes dos Remedios, *Coimbra, 1905.*

As « Obras do diabinho » foram copiadas do original, existente na Bibliotheca Nacional de Lisbôa, por diligencia de Manoel de Araujo Porto-Alegre, barão de Santo Angelo.

Acham-se addicionadas ao « Theatro de

Antonio José », edição Garnier, citada.

A glosa ao soneto de Camões, « Alma minha gentil... » reproduzida no « Florilegio » de Varnhagen, tomo I, pag. 215, muito recommenda o talento poetico de Antonio José.

XXV

Pedro Taques de Almeida Paes Leme

(17...-1777)

Natural de S. Paulo. Era sargento mór da nobreza, quando se passou a Goyaz, ahi desempenhando misteres publicos, principalmente relativos á mineração. Tornou depois a S. Paulo, onde falleceu.

Deixou :

« Historia da Capitania de S. Vicente, desde a sua fundação por Martim Affonso de Souza, em 1531. » (Vide: « Rev. do Inst. Hist. Brasileiro. » Tomo IX, 1847.)

« Noticia historica da expulsão dos Jesuitas do Collegio de S. Paulo. » (Vide : A mesma Rev. Tomo XII.)

« Nobiliarchia paulistana. » (Vide : A mesma Rev. do tomo XXXII a XXXV.)

« Informação sobre as minas de São Paulo e dos sertões de sua capitania, desde o anno de 1595 até o presente de 1772... »

(Vide: a mesma Rev. Tomo LXIV.)

XXVI

Fr. Gaspar da Madre de Deus

(1715-1800)

Natural de Santos. Benedicto. Prestou serviços á sua Ordem nos mosteiros de S. Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia.

Academico supranumerario da Academia Brasilica dos Renascidos, foi mais tarde, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Deixou, além de sermões a orações sagradas:

« Noticia dos annos em que se descobrio o Brasil ; e das entradas das religiòes e suas fundações, etc., 1784. » — (Vide : « Rev. do Inst. Hist. Brasileiro » — tomo II.)

« Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brasil. » Publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias. *Lisbôa, 1797. Rio de Janeiro, 1847.*

No tomo XXIV da Rev. do nosso Instituto Historico, encontra-se a continuação destas « Memorias », que se diz terem sido escriptas pelo proprio Fr. Gaspar.

A edição brasileira das mesmas é seguida do « Diario », publicado por Varnhagen, « da navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530, sob a capitania de Martim Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pedro Lopes de Sousa ».

XXVII

Fr. José de Santa Rita Durão

(17...-1784)

Nasceu em Cata Preta, parochia do Inficionado, hoje denominada Santa Rita Durão, em Minas Geraes, entre 1717 e 1720.

Seguindo para Portugal, professou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.

Formado em theologia pela Universidade de Coimbra, chegou a fazer parte de seu corpo docente, tendo antes assistido em Roma, por via da Hespanha, onde motivos politicos o detiveram preso por algum tempo,

Morreu em Lisbôa.

Além de peças oratorias, deixou:

« Caramurú », poema epico do descobrimento da Bahia. *Lisbôa, 1871. Ibi, 1836. Bahia, 1837. Lisbôa,* « Epicos brasileiros », edição de F. A. de Varnhagen, 1845. *Rio de Janeiro,* editor M. C. Honorato, 1878. *Ibi,* s. d., editor B. L. Garnier.

Durão foi um dos principaes fundadores da litteratura nacional. O « Caramurú » na opinião de Sylvio Roméro, é o mais brasileiro dos nossas poemas. Foi vertido para o francez por E. de Monglave e publicado em 1829, em Paris.

XXVIII

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca

(1718-1786)

Natural do Recife.

Mestre em artes pelo Collegio da Companhia de Jesus da Cidade de Olinde, abraçou a carreira das armas, morrendo no posto de Coronel de infantaria. Foi Governador do Ceará de 1765 a 1782.

Membro supra numerario da Academia Brasilica dos Renascidos, além de uma « Memoria estatistica », de uma « Chronologia do Ceará » e de uma obra de assumpto militar — « Pallas armada », deixou :

« Nobiliarchia pernambucana », contendo as memorias genealogicas das familias mais distinctas e a noticia de sua origem, antiguidade e successão. *Msc.*

O Inst. Archeologico e Geographico de Pernambuco está publicando em sua revista

(vide n.° 56) esta « Nobiliarchia », cujo primeiro tomo data de 1748.

A Joboatão, Pedro Taques e a este Borges da Fonseca, autores de nobiliarchias, pódese juntar ROQUE LUIZ DE MACEDO PAES LEME, já fallecido no começo do seculo XIX, de quem a nossa Bibliotheca Nacional possue manuscriptos.

XXIX

Padre João Daniel

Jesuita. Viveu muitos annos, como missionario, pelos sertões do norte do Brasil, acabando os dias na Torre de S. Julião da Barra, em Lisboa, para onde foi remettido, em 1757, como preso de Estado. Deixou:

« Thesouro descoberto no rio maximo Amazonas ».

Esta obra é dividida em seis partes. O original autographo das cinco primeiras existe na nossa Bibliotheca Nacional.

A 2.ª, 5.ª e 6.ª estão publicadas.

A 2.ª, nos tomos II e III da « Rev. » do Inst. Hist. Brasileiro (1840-41), precedida do indice de toda a obra, organizado por F. A. de Varnhagen. A 6.ª no tomo XLI, part. I da mesma « Rev. » (1878), segundo o original, guardado na Bibliotheca de Evora. A 5.ª sahiu dos prelos da Impressão Regia desta cidade em 1820.

XXX

D. Domingo do Loreto Couto

Natural do Recife. Presbytero professo da Ordem de S. Bento, foi em tempo visitador geral do Bispado de Pernambuco.

Academico supranumerario da Academia Brasilica dos Renascidos, deixou :

« Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco », discursos brasilicos, dogmaticos, bellicos, apologeticos, moraes e historicos... 1757.

(Vide : « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro » — vols. XXIV e XXV.)

Ha tambem desta obra, mandada copiar em Lisboa pela Bibliotheca Nacional, edição separada dos « Annaes ».

XXI

D. THOMAZ DA ENCARNAÇÃO

(1723-1784)

Natural da Bahia.

Chamava-se no seculo Antonio da Costa Lima. Conego regrante de Santo Agostinho e doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, foi professor de historia ecclesiastica da Academia Liturgica Pontificia, estabelecida naquella cidade e prefeito dos estudos do Collegio de Humanidades do convento de Mafra, até ser nomeado, em 1773, Bispo de Pernambuco, cargo em que falleceu.

Figura seu nome no catalogo dos academicos supranumerarios da Academia Brasilica dos Renascidos (31 de Julho de 1759). Jaz na cathedral de Olinda.

Além de dissertações e pastoraes, deixou :

« Historia Ecclesiæ Lusitaniæ, per singula sæcula ab Evangelio promulgato », 4 tomos. *Colimbriæ, 1759-63.*

Esta obra ficou por completar.

XXXII

Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

Natural do Rio de Janeiro.

Funccionario do governo na cidade natal, tomou parte na fundação da Academia dos Selectos, fallecendo, ao que se calcula, em 1809 ou 1810.

Além de dous opusculos, vindos á luz em Lisboa (1771), consagrados aos « felizes annos » e ás « boas vindas » dos Vice-Reis Conde de Azambuja e Marquez do Lavradio, deixou :

« Discursos politico-moraes, comprovados com vasta erudição das divinas e humanas letras, afim de desterrar do mundo os vicios mais inveterados, introduzidos e dissimulados ». Tom I. *Lisbôa, 1758.*

« Politica brasilica ». *Msc.*

Dos « Discursos », cujo merito é pouco abonado por Araujo Porto Alegre (barão de Santo Angelo), em juizo emittido no nosso Instituto Historico, só se imprimiu o tomo I.

Tendo sido a obra mandada queimar por ordem do marquez de Pombal, escaparam apenas do tomo impresso alguns exemplares, que já tinham sido para cá remettidos.

A « Politica brasilica », segundo Varnhagen, é um tratado de moral, ao sabor dos « Deveres do homem » de Silvio Pellico.

XXXIII

D. Angela do Amaral Rangel

Natural do Rio de Janeiro. Era cega de nascença. Devido a esta circumstancia, só poude receber de seus pais, que, aliás, eram abastados, educação moral e religiosa; tornando-se, não obstante, apreciada pelos versos que compunha, ás vezes de improviso.

Deixou:

« Sonetos e romances lyricos » em honra ao General Gomes Freire.

(Vide: « Jubilos da America, na gloriosa exaltação e promoção do illustrissimo e excellentissimo senhor Gomes Freire de Andrada. Collecção das obras da Academia dos Selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou, em obsequio e applauso do dito excellentissimo heroe, etc., pelo doutor Manoel Tavares de Siqueira e Sá » *Lisboa*, *1754*.

Os romances lyricos indicados são em castelhano.

Outras producções da *ceguinha*, como lhe chamavam, estão provavelmente perdidas.

XXXIV

Claudio Manoel da Costa

(1729-1789)

Natural da villa do Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Marianna, em Minas Geraes. Formado em Coimbra, fez-se advogado ao voltar a Minas. Exerceu em Villa Rica (Ouro Preto), por mais de uma vez, o cargo de secretario do Governo. Envolvido, em 1789, com os principaes talentos da capitania, na conjuração que tinha por lemma : « Libertas quœ sera tamen », appareceu morto no carcere a que fòra lançado, passando, como verdade, que se suicidára por estrangulação. Dizia-se arcade romano e ultramarino (1) e seu nome pastoril era Glauceste Saturnio.

---

(1) A fundação, no Brasil, de uma Arcadia, ao molde das da Europa, com a designação de « Ultramarina », é posta, geralmente, em duvida, opinando-se que não passou tal sociedade de uma aspiração tradicional.

Deixou :

« Munusculo metrico ». Romance heroico. *Coimbra, 1751.*

« Epicedio », consagrado á memoria de Frei Gaspar da Encarnação... *Ibi, 1753.*

« Labyrintho de amor », Poema, *Ibi,* id.

« Numeros harmonicos, temperados em heroica e lyrica consonancia », *Ibi,* id.

« Obras », *Ibi, 1768.*

« Villa Rica ». Poema. Dado á luz, em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por um de seus socios correspondentes. *Ouro Preto, 1839-41. Ibi, 1897.*

Poesias diversas. (Vide : « Obras poeticas » de Claudio Manoel da Costa (Glauceste Saturnio). Nova edição, contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso e um estudo sobre sua vida e obras, por João Ribeiro, da Academia Brasileira. 2 tomos. *Rio de Janeiro, H. Garnier,* livreiro-editor, 1903.

Data de 1773 o poema « Vida Rica », precedido de « um fundamento historico » da lavra do autor, trabalho que, com algumas alterações e sob o titulo de « Memorias historicas da capitania de Minas Geraes » foi publicado em Abril de 1813 no periodico « O

Patriota », dirigido por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães (*Rio de Janeiro, 1813-1814*).

Do catalogo de academicos supranumerarios, que acompanha o estudo do Conego Fernandes Pinheiro sobre a Academia Brasilica dos Renascidos (« Estudos historicos ». *Rio de Janeiro, 1876*), consta o nome « do Dr. Claudio Manoel da Costa, morador na cidade de Marianna ». (1759-60).

A traducção da obra de Adam Smith sobre a natureza e a causa da riqueza das nações, que se dizia ter sido feita por Claudio, não foi encontrada entre os seus manuscriptos.

XXXV

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho

(1735-1822)

Natural de Jacutinga, na então Capitania do Rio de Janeiro.

Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra, exerceu, entre outros, o cargo de reitor e reformador da Universidade onde se graduara, á qual prestou importantes serviços.

Bispo effectivo de Coimbra desde 1779, fez parte, ao tempo da invasão franceza em Portugal, de uma commissão nomeada por Junot para entender-se com Napoleão sobre negocios politicos do paiz, abandonado pelo rei; sendo, por ultimo, eleito, em 1821, pelo Rio de Janeiro, ás Côrtes constituintes portuguezas, onde não chegou a tomar assento.

Além de pastoraes, deixou:

« Compendio historico do estado da Uni-

versidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores e directores que a regiam, pelas machinações e publicações dos novos Estatutos por elles fabricados ». *Lisbôa, 1772.*

« Relação geral do estado da Universidade de Coimbra », desde o principio da nova reformação até o mez de Setembro de 1777... »

(Vide : « Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra », por Theophilo Braga. *Lisbôa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1894.*

Era irmão do notavel magistrado João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, tambem Fluminense, seu collaborador no « Compendio Historico ».

E' sabido que tambem trabalharam juntos, nos « Estatutos da Universidade de Coimbra, compilados pela « Junta da Providencia Litteraria », vindos á luz no mesmo anno do « Compendio ».

XXXVI

Domingo Caldas Barbosa

(1740-1800)

Natural do Rio de Janeiro. Feitos os primeiros estudos no Collegio dos Jesuitas da cidade natal, serviu, como militar, na Colonia do Sacramento.

Alcançada a baixa e passando-se a Portugal, recebeu ordens sacras em Lisbôa, obtendo a capellania da Casa da Supplicação.

Arcade romano e fundador, na Capital Portugueza, da Nova Arcadia (1790), poetava sob o nome de *Lereno Selinuntino*. Além de um poemeto, « A doença », de ligeiras composições dramaticas, etc., deixou : « Viola de Lereno ». Collecção de suas cantigas. 1.° Vol. *Lisbôa, 1798. Ibi, 1806. Bahia, 1813. Lisbôa, 1819.* 2.° vol. *Lisbôa, 1826.*

Improvizador facil, poeta singelo, muitas

das cantigás de Caldas Barbosa se tornaram populares.

A edição de 1798 do 1.° vol. da « Viola de Lereno » não é accusada por Innocencio. Vimos, porém, um exemplar dessa edição na Bibliotheca Nacional.

XXXVII

José Basilio da Gama

(1741-1795)

Natural da villa de S. José do Rio das Mortes, actual cidade de Tiradentes, em Minas Geraes.

Era noviço, no Rio de Janeiro, da Ordem de Jesus, quando esta foi extincta.

Passando-se a Portugal, foi ter a Roma, em cuja Arcadia logrou ser admittido, sob o nome de Termindo Sipilio.

De volta ao Rio, vemol-o, pouco depois, com passagem para Lisboa, donde teria de partir para Angola, suspeito de jesuitismo, se o seu talento poetico não lhe houvesse grangeado a protecção do marquez de Pombal, que o nomeou official da Secretaria dos Negocios do Reino, com certas vantagens.

Conservando-se fiel ao marquez depois da quéda deste, referem-se alguns, o que não está provado, a uma estada sua no Rio de

Janeiro, antes de fallecer em Lisbôa, de cuja Academia das Sciencias foi socio, sendo tambem mencionado como *arcade ultramarino*.

Deixou :

« O Uraguay », poema, *Lisbôa, 1769. Rio de Janeiro, 1811. Lisbôa, 1822. Rio de Janeiro, 1844* (« Minerva Brasiliense ». *Lisbôa, 1845* (« Epicos brasileiros »). *Rio de Janeiro, Paula Brito, 1855. Ibi, Serafim Alves*, s. d. *Ibi, Francisco Alves, 1895. Pelotas, Echenique, 1900* (1).

« A Declaração tragica », poema dedicado ás bellas artes, *Lisbôa, 1772*.

(Vide : « Parnaso Brasileiro », do Conego Januario da Cunha Barbosa. *Rio de Janeiro, 1829-32*).

« Quitubia », poema, *Lisbôa, 1791*.

(Vide : « O mesmo Parnaso », caderno 3.°).

« O Uruguay ». (Basilio escrevia Uraguay) é collocado pela critica entre os poemas modernos de mais merecimento.

Tem por assumpto a guerra movida aos indigenas aldeiados pelos jesuitas, á margem oriental de Uruguay e que se oppunham á

---

(1) Está a sahir dos prelos de uma casa editora desta capital nova edição do « Uruguay ».

execução do tratado de limites de 1750.

Atacados no poema, publicaram os jesuitas em 1786, em Lugano, uma « Resposta apologetica », reproduzida no tomo 68 da Rev. do Inst. Hist. Brasileiro, com o titulo: « Refutação das calumnias contra os jesuitas, contidas no poema « Uruguay » de José Basilio da Gama.

Em plano manifestamente inferior está o « Quitubia », que celebra as façanhas de um régulo africano deste nome, alliado dos Portuguezes.

XXXVIII

Fr. José Marianno da Conceição Velloso

(1742-1811)

Natural da villa de S. José do Rio das Mortes, hoje cidade de Tiradentes, em Minas Geraes.

Franciscano. Chamava-se no seculo José Velloso Xavier. Dedicou-se ao serviço de sua Ordem, cultivando, ao mesmo tempo e assiduamente, a botanica.

Indo para Lisbôa, em companhia de Luiz de Vasconcellos e Souza, que acabava de exercer o cargo de Vice-Rei, entrou, como director, para a Typographia do Arco do Cego, reunida depois á Impressão Régia, onde continuou a prestar serviços, regressando, em 1808, ao Rio de Janeiro, na comitiva de D. João VI.

Além de memorias scientificas e outros trabalhos muito reputados, deixou :

« Diccionario Portuguez e Brasiliano ». 1.ª parte. *Lisbôa, 1795.*

« Diccionario Brasiliano e Portuguez ». 2.ª parte. Msc.

« O fazendeiro do Brasil ». 5 tomos em 11 volumes. *Lisbôa, 1798-1806.*

« Flora Fluminense ». 11 volumes. *Rio de Janeiro e Paris, 1825-1827.*

Desta « Flora » occupa-se exclusivamente o volume V dos « Archivos do Museu Nacional ». *(Rio de Janeiro, 1881).*

Na revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXXI, 2.ª parte, encontra-se desenvolvida biographia deste celebre naturalista, de quem foi contemporaneo, muito se distinguindo tambem nos mesmos estudos, o padre Dr. Joaquim Velloso de Miranda, igualmente filho de Minas.

Com o titulo « Os dois Vellosos », publicou Varnhagen, em 1878, um opusculo sobre ambos.

XXXIX

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho

(1743-1821)

Natural de Campos. Estudadas as humanidades na cidade do Rio de Janeiro, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra onde tomou o grau de bacharel em canones e mais tarde o de licenciado.

Foi arcediago da Cathedral do Rio de Janeiro, Deputado da Inquisição de Lisboa, Bispo de Pernambuco, Director Geral dos estudos e governador interino dessa capitania.

Bispo d'Elvas, de 1806 a 1818, trocou esse cargo pelo de Inquisidor Geral, que exerceu até á extincção do Santo Officio, realizada pouco tempo depois.

Sobrevindo a revolução liberal do Porto (1820), foi eleito Deputado, pela provincia do Rio de Janeiro, ás Côrtes constituintes portuguezas, nas quaes mal chegou a func-

cionar, fallecendo, quasi repentinamente, dous dias depois de tomar assento.

Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, escreveu, como tal, muitas memorias scientificas e politicas.

Sua reputação de economista divulgou-se na Europa, sendo bastante extensa a lista de tudo que deixou escripto. A que segue é a de algumas de suas obras mais conhecidas :

« Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias ». Publicado por ordem da Academia Real das Sciencias. *Lisboa*, *1794*. *Ibi*, *1816*. *Ibi*, *1828*.

« Discurso sobre o estado actual das minas no Brasil. *Lisbôa*, *1804*. (Vide : « Revista do Instituto Historico Bras° » — t° LXI).

« Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa d'Africa ». *Lisbôa*, *1808*.

« Collecção de alguns manuscriptos curiosos do Exm. Bispo d'Elvas, depois Inquisidor Geral », etc., *Londres*, *1819*.

O barão Homem de Mello qualificou de opprobrioso o escripto sobre o commercio do resgate dos escravos da Costa d'Africa, lamentando que tivesse saido de tão autorisada penna.

XL

Ignacio José de Alvarenga Peixoto

(1744-1793)

Natural do Rio de Janeiro.

No collegio dos jesuitas da cidade natal fez os primeiros estudos, formando-se em leis em Coimbra. Indo para Minas, na qualidade de ouvidor da comarca do Rio das Mortes, casou-se em S. João d'El-Rei, abandonando a magistratura pela mineração.

Relacionado e bemquisto, foi-lhe conferida a patente de coronel do regimento de cavallaria do Rio Verde. Victima da conjuração de 1789 cujo lemma propoz e que tinha por fim a independencia de Minas e do Brasil, foi condemnado á morte, commutando-se-lhe a pena em degredo para Dande e depois para Ambaca, na Africa, onde falleceu.

Foi casado com D. Barbara Heleodora Guilhermina da Silveira, a qual, como poetisa que era, « folgava com poder pagar-lhe versos com versos », segundo informa Joa-

quim Norberto, no seu livro « Brasileiras celebres ». *(Rio de Janeiro, 1862.)*

A morte de uma filha (Maria Ephigenia) e a loucura da esposa seguiram-se aos successos politicos em que tomou parte.

Deixou : Sonetos, lyras, odes, etc.

(Vide : « Obras poeticas », colligidas e annotadas por J. Norberto de Sousa S. *Rio de Janeiro, 1865).*

« Cartas chilenas (treze), em que o poeta Critillo conta a Dorotheu os factos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile. » Dadas á luz, com uma introducção, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga. *(Rio de Janeiro, 1863).*

Sabe-se que Alvarenga Peixoto produziu tambem um drama em verso « Enéas no Lacio » e verteu a « Merope » de Maffei.

Estas obras estão perdidas, como, provavelmente, outras.

As « Cartas chilenas » parece que lhe pertencem, em que pese ao Dr. Luiz Francisco da Veiga que as dá como sendo de Thomaz Antonio Gonzaga e mais recentemente a José Pedro Xavier da Veiga que, na « Rev. do Archivo Publico Mineiro » (fase 2.°, do anno II), sustenta igual autoria.

Adhuc sub judice lis est.

XLI

Thomas Antonio Gonzaga

(1744-1807)

Natural do Porto.

Filho de brasileiro, passou *a flôr de sua edade* na Bahia e residiu em Minas (Villa Rica), exercendo um cargo de magistratura. Estavá despachado desembargador da Relação da Bahia, quando, envolvido na chamada *inconfidencia* mineira (1789), foi preso e remettido para o Rio de Janeiro, sendo julgado e condemnado a degredo perpetuo para um presidio de Angola, pena que lhe foi commutada em outra de dez annos para Moçambique, onde é fama que morreu louco; tendo ahi contractado casamento, no anno seguinte ao de sua chegada, com uma D. Juliana de Sousa Mascarenhas.

« Dirceu » era o nome pastoril deste autor, cujo fallecimento é fixado por alguns em 1809.

Além de um tratado inedito de Direito Natural, escripto em Portugal, onde tambem exerceu a magistratura, deixou :

« Marilia de Dirceu », lyras.

(Vide : « Marilia de Dirceu », lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, precedidas de uma noticia biographica, do juizo critico dos autores estrangeiros e nacionaes e das lyras escriptas em resposta ás suas, acompanhadas de documentos historicos, por J. Norberto de Sousa S. 2 tomes. *(Rio de Janeiro, 1862).*

Innumeras edições, desde 1792 e 1800, tèm popularizàdo estas lyras, já vertidas em diversas linguas. Em latim o foram algumas pelo nosso fallecido humanista, Dr. Antonio de Castro Lopes, e publicadas em duas edições. *(Rio de Janeiro, 1868-1887).*

A primeira edição brasileira dellas, constando de tres partes, data de 1810 e sahiu dos prélos da Impressão régia desta cidade. A ultima é de 1910 (Casa Garnier), revista e prefaciada por José Verissimo.

A mulher que as inspirou, D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, falleceu em Ouro-Preto, a 9 de Fevereiro de 1853, depois de ter completado 85 annos. (Nasceu a 8 de Novembro de 1767.)

As lyras da 3.ª parte da « Marilia » são apocryphas?

Este ponto e o da autoria das « Cartas Chilenas » estão esperando dos criticos solução definitiva.

Esta, porém, parece que não se fará esperar muito, em relação ao segundo ponto, pois um literato de Campinas, Alberto Faria, tem em mãos um trabalho sobre o assumpto, abundantemente documentado, de que já publicou excerptos em jornaes.

XLII

Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho

(17...-1817)

Natural de Taubaté, em S. Paulo. Franciscano. Chamava-se no seculo Antonio de Mello Freitas.

Ordenou-se no Rio de Janeiro, tendo professado no convento da cidade de S. Paulo.

Serviu logares de sua Ordem, foi professor de philosophia, prégador e censor regio. Gozava de grande credito como prégador e philosopho.

Nomeado bispo de Angola, resignou essa dignidade sem assumil-a.

Além de sermões e orações sagradas, deixou :

« Numero, estado e occupações presentes dos religiosos sacerdotes, em toda a provincia da Immaculada Conceição do Brasil, que consta de treze conventos, 1810. *Msc.*

(N. 9.368 do « Cat. da Exp. de Historia do Brasil ». *Rio de Janeiro, 1881.)*

Uma das orações de Santa Ursula Rodovalho figura na « Anthologia de Prégadores Brasileiros, de monsenhor Vicente Lustosa. *Rio de Janeiro, 2 tomos, 1902.*

XLIII

MANOEL CARDOZO DE ABREU

Natural de S. Paulo.

E' chamado por Pereira da Silva de excellente chronista de sua provincia ou capitania, sobre a qual deixou a seguinte obra :

« Memoria historica da capitania de São Paulo e todos os seus memoraveis successos, desde o anno de 1581 thé o presente de 1796 ». *Msc.*

Na « Bibliotheca Americana » de Ch. Leclerc *(Paris, 1878)*, acha-se indicada esta memoria sob o numero 2.459.

Traz dedicatoria ao ministro Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

XLIV

Antonio Duarte Nunes

Natural, ao que parece, de Santa Catharina.

Ha deficiencia de informações a seu respeito.

Era tenente de bombeiros do regimento de artilharia da praça do Rio de Janeiro, quando escreveu o seguinte :

« Almanack historico da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Anno de 1799 ».

(Vide : « Rev. do Inst. Hist. Brasileiro » tomo XXI).

Este almanack, diz Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo, é um quadro completo do estado da capital do Brasil-colonia, no fim do seculo XVIII.

Duarte Nunes deixou mais :

« Memoria do descobrimento e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro ». (Vide : « Rev. do Inst. Hist. Brasileiro » — tomo I).

XLV

Raymundo José de Sousa Gayoso

(1747-1813)

Nasceu em Buenos Aires. Filho de João Henriques de Sousa, natural do Rio de Janeiro, de quem fôra ajudante em Lisbôa, quando aquelle exercia o cargo de Thesoureiro-Mór do Real Erario, viveu muitos annos e falleceu no Maranhão, no posto de tenente-coronel do regimento de milicias de Caxias.

Envolvido em 1786, quando ajudante de seu pai, num extravio de dinheiros do dito Real Erario, justificou-se em tempo, provando sua innocencia.

Deixou :

« Compendio historico-politico dos principios da lavoura do Maranhão, suas producções e progressos que tem tido, até o presente; entraves que a vão deteriorando e

meios que tem lembrado para desvanecel-os, em augmento da mesma lavoura e sem prejuizo do real patrimonio ». *Paris, 1818.*

Esta obra foi publicada pela viuva do autor.

XLVI

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga

(1749-1814)

Natural de Villa Rica, hoje Ouro Preto, em Minas.

Tendo-se formado em Coimbra, abriu escriptorio de advogado no Rio de Janeiro, onde se fez, com a protecção do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, professor publico de rhetoria e poetica.

Alcindo Palmireno era o seu nome pastoril, á moda da época.

Deve-se-lhe em grande parte a continuação da « Academia Scientifica » (1772-1779), transformada em « Sociedade Litteraria » (1786), da qual foi secretario, chamada impropriamente por alguns Arcadia Brasileira e tambem Ultramarina.

Com taes denominações, não se fundou, entre nós, sociedade alguma.

Leia-se no tomo 48, 2.ª parte da Rev. do

Inst. hist. brasileiro o que escreveu o Dr. Moreira de Azevedo sobre sociedades fundadas no Brasil, desde os tempos coloniaes até ao começo do segundo reinado.

Dissolvida a Sociedade Litteraria em 1794, pelo Vice-Rei conde de Rezende, successor de Vasconcellos, foi Silva Alvarenga, pouco depois, processado e posto a ferros, suspeito de jacobinismo, fazendo-se confiscação de seus bens.

Por dous annos e meio deixaram-n'o ficar no carcere, do qual sahiu já muito alquebrado.

Deixou :

« Ás Artes ». Poema didactico.

« O Desertor ». Poema heroi-comico.

« Glaura ». Poemas eroticos.

Poesias diversas.

(Vide : « Obras poeticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga », colligidas, annotadas e acompanhadas de documentos historicos, por J. Norberto de Sousa S. 2 tomos. *Rio de Janeiro, 1864*.

Perto de morrer, ainda appareceu entre os collaboradores do « Patriota », jornal litterario, politico, mercantil, etc. *(Rio de Janeiro, 1813-14)*, dirigido por Manoel Ferreira

de Araujo Guimarães, mathematico, politico e litterato, natural da Bahia (1777-1838).

Equiparado por alguns a Gonzaga, como lyrico, Silva Alvarenga muito concorreu, pelo seu magisterio, para o desenvolvimento litterario do Rio de Janeiro, em principios do seculo XIX.

XLVII

FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA

(17...-1802)

Natural de S. Paulo.

Doutorado em mathematicas na Universidade de Coimbra em 1777, foi nomeado com seu collega, o mineiro Antonio Pires da Silva Pontes, para uma commissão de demarcação de limites na fronteira sul do Brasil, commissão que desempenhou, fazendo muitas explorações e estudos, antes de voltar á Europa.

Em 1791 já se achava em Lisbôa, eleito socio da Academia Real das Sciencias, sendo ainda incumbido de uma exploração no interior da Africa, no decurso da qual succumbiu.

Delle se pôde dizer que « precedeu Livingstone, Stanley, Cameron e Serpa Pinto no emprehendimento da travessia da Africa, para utilidade da sciencia ». (Pinheiro Chagas — « Brasileiros illustres », pag. 61.)

Além de outros escriptos, mencionados no Catalogo da Exposição de Historia do Brasil, realizada na Bibliotheca Nacional, em 2 de Dezembro de 1881, deixou :

« Diario da viajem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790 ». (Impresso por ordem da Assemblea Legislativa da Provincia de S. Paulo.) *S. Paulo, 1841.*

XLVIII

Manoel Arruda da Camara

(1752-1810)

Natural da villa de Pombal, na Parahyba (1). Professou no convento do Carmo de Goyanna em 1783. (A Parahyba não era ainda independente de Pernambuco.)

Passando-se a Portugal, cursou, na Universidade de Coimbra, philosophia e medicina. Suspeito de affeiçoado ás idéas da revolução de 1789 em França, emigrou, continuando os estudos de medicina na Escola de Montpellier, na qual concluiu a formatura.

Obtido da curia romana o breve de sua secularização, voltou ao Brasil, desempenhando commissões scientificas no Rio de Janeiro e em Pernambuco, onde falleceu.

---

(1) Numa selecta pernambucana recente (1907), lê-se que Arruda da Camara nasceu em Goyanna. *Ubi veritas ?*

Além de manuscriptos, sobre os quaes, em grande parte, foi coordenado e redigido o « Diccionario de botanica brasileira » de Joaquim de Almeida Pinto *(Rio de Janeiro, 1873)*, deixou alguns trabalhos publicados em Lisbôa e aqui, dentre os quaes os seguintes :

« Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principaes provincias do Brasil ».

Rio de Janeiro, 1810.

« Dissertação sobre as plantas que podem dar linhos proprios para muitos usos da sociedade e supprir a falta do canhamo.

Ibi, id.

XLIX

José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo

(1753-1830)

Natural do Rio de Janeiro.

Bacharel em canones pela Universidade de Coimbra, Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, Monsenhor presbytero, thesoureiro-mór e arcipreste da real Capella do Rio de Janeiro; Deputado á nossa primeira Assembléa Legislativa na qual occupou a cadeira de Presidente, aposentou-se no Supremo Tribunal de Justiça.

Morreu repentinamente, passeando no Jardim Botanico desta capital. Além de manuscriptos relativos a cousas ecclesiasticas e que se encontram no nosso Instituto Historico, deixou :

« Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do Vice-Rei do Estado do Brasil. » 9 tomos.

Rio de Janeiro, 1820-22.

Monumento historico, chronologico e geo-

graphico, a estas « Memorias » falta, na opinião de Pereira da Silva, « a grande qualidade do estylo e peccam pela obscuridade de plano, pela desconnexão dos factos narrados e pela má collocação das datas ».

Antonio Alvares Pereira Coruja, no tomo XXI da Rev. do Inst. Hist. Brasileiro, annotou-as na parte relativa ao Rio Grande do Sul.

L

Antonio de Moraes Silva

(1755-1824)

Natural do Rio de Janeiro. Recebido em Coimbra o grau de bacharel *in utroque jure*, esteve na Inglaterra, Italia e França, antes de voltar ao Brasil.

Na Bahia exerceu, por pouco tempo, um cargo de magistratura (juiz de fôra), retirando-se dahi para Pernambuco, onde residiam os pais de sua mulher e onde se fez proprietario de um engenho. De Pernambuco não mais sahio, chegando a capitão-mór do Recife e coronel de milicias de Moribeca.

Quando, naquella cidade, rebentou a revolução de 1817, absteve-se de envolver-se no movimento, apezar de nomeado membro do Governo provisorio instituido pelos patriotas.

Além de uma « Historia de Portugal », traduzida do inglez e da obra « Recreações

do homem sensivel », traduzida do francez, deixou :

« Diccionario da lingua portugueza », 2 tomos. *Lisbôa, 1789. Ibi, 1813, 1823, 1831, 1844, 1858, 1877-78, 1889-91, 1906-07.*

« Epitome da grammatica da lingua portugueza ». *Lisbôa, 1806. Rio de Janeiro, 1824.*

A « Grammatica » figura em todas as edições do « Diccionario », a contar da 2.ª (1813).

Esta é considerada a mais estimavel dellas, pois a 1.ª pouco mais representa que um resumo de Bluteau e as outras tiveram collaborações diversas, tidas por menos autorizadas.

« Emquanto viver a lingua portugueza, opinou Pinheiro Chagas, ha de viver tambem guardado em todas as bibliothecas, consultado por todos os estudiosos, o Diccionario de Moraes. »

LI

Alexandre Rodrigues Ferreira

(1756-1815)

Natural da Bahia. Destinado á carreira ecclesiastica, chegou a tomar ordens menores.

Seguindo, porém, para Portugal, matriculou-se na Universidade de Coimbra, primeiro no curso juridico e depois no de philosophia, onde se doutorou, tendo já dous annos de exercicio gratuito de demonstrador de historia natural.

Designado officialmente para explorar o norte do Brasil, percorreu a região amazonica, Mato Grosso e Goyaz, de 1783 e 1792.

Regressando a Portugal, foi, em Lisbôa, official da Secretaria da Marinha, vice-director do Real Jardim Botanico, administrador das reaes quintas de Queluz, Caxias e Bemposta, e deputado da Junta do Commercio.

Pertenceu á Academia Real das Sciencias de Lisbôa.

Pelo seu amor ao estudo, espirito investigador e vasta cultura, mereceu ser comparado a Humboldt.

Deixou :

« Memorias e descripções scientificas, mappas, diarios e roteiros de viagens, noticias historicas », etc.

(Vide : « Rev. do Inst. Hist. Brasileiro », « Noticia dos escriptos do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira ». Tomo II, 1840, e « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro », vol. I e seguintes. 1876...)

Escriptos seus, inclusive o « Diario da viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro » (Amazonas) foram publicados na integra pelo nosso Instituto Historico. O « Diario » estende-se por quatro tomos da respectiva revista, correspondentes aos annos de 1885 a 1888.

Sobre Alexandre Rodrigues Ferreira ha um estudo publicado no Pará, em 1895, pelo Dr. Emilio A. Goeldi.

LII

José da Silva Lisbôa
Visconde de Cayrú

(1756-1835)

Natural da Bahia. Matriculou-se nos cursos juridico e philosophico da Universidade de Coimbra. Formou-se em canones (1779).

No anno anterior obtivera, por concurso, o logar de substituto das cadeiras de grego e hebraico, no Collegio das Artes daquella cidade.

Regressando á terra natal, foi nomeado professor de philosophia racional e moral, leccionando tambem o grego.

Ahi permaneceu até 1808, com uma pequena interrupção de estada em Lisbôa, de onde voltou com a jubilação de professor e com o despacho de deputado e secretario da Mesa de Inspecção.

Quando D. João VI transferiu a séde da monarchia portugueza para o Brasil, vindo residir no Rio de Janeiro, trouxe comsigo da Bahia este afamado publicista, a quem se

deve a abertura dos portos brasileiro ao commercio das nações amigas.

No Rio de Janeiro, de onde não mais sahiu, desempenhou Silva Lisbôa altos cargos de magistratura e outros, sendo deputado á Constituinte de 1823 e senador pela Bahia desde a instituição do Senado.

A relação completa de suas obras póde ver-se no opusculo de Valle Cabral — *Vida e obras de José da Silva Lisbôa (Rio de Janeiro, 1881).*

Eis algumas dellas :

« Principios de direito mercantil e leis de Marinha... « *(Lisbôa, 1798; Ibi, 1801-03; Rio de Janeiro,* edição do Senador Candido Mendes de Almeida, 2 tomos, 1874); « Principios de economia politica para servirem de introducção á tentativa economica do autor dos « Principios de Direito Mercantil ». *(Lisbôa, 1804);* Observações sobre o commercio franco no Brasil *(Rio de Janeiro, 1808-09)*; Estudos do bem commum e economia politica... *(Rio de Janeiro, 1819-20);* Constituição moral e deveres do cidadão (*Rio de Janeiro 1824-25);* Historia dos principaes successos politicos do Imperio do Brasil, 4 vols. *(Rio de Janeiro, 1825-1830.)*

LIII

Francisco de Mello Franco

(1757-1823)

Natural de Paracatú, em Minas.

Feitos os primeiros estudos no Rio de Janeiro, passou-se a Portugal, matriculando-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Accusado de professar idéas perigosamente adiantadas, curtiu algum tempo nos carceres da Inquisição, concluindo ao sahir delles os estudos encetados e estabelecendo-se em Lisbôa.

Foi socio e dos mais trabalhadores da Academia Real das Sciencias dessa cidade.

Designado por D. João VI para acompanhar ao Brasil, em 1817, a noiva do principe D. Pedro, D. Maria Leopoldina, mais tarde imperatriz, aqui passou o resto da vida, fallecendo em Ubatuba, de volta de uma excursão que fizera a São Paulo, em busca de melhoras para a saude.

Antes de um « Ensaio sobre as febres », especialmente do Rio de Janeiro, publicação posthuma (*Lisbôa 1829*), escreveu :

« Tratado da educação physica dos meninos... » Publicado por ordem da Academia Real das Sciencias. *Lisbôa 1790.*

« Medicina theologica... » *Ibi, 1794.*

« Elementos de hygiene. » *Ibi, 1814, 1819, 1823.*

« O Reino da Estupidez », poema heroicomico em quatro cantos.

Paris, 1818 (1). *Ibi, 1821. Lisbôa, 1822. Ibi, 1833. Paris*, « Parnaso Lusitano », tom. VI, 1834. *Barcellos* (Portugal), 1868. *Rio de Janeiro* e *Paris, H. Garnier, 1910.*

(Vide : « Satyricos portuguezes. » Collecção de poemas heroi-comico-satyricos. Nova edição, com introducção critica e annotações de João Ribeiro) (2).

Além deste poema, satyra vibrada principalmente contra a Universidade de Coimbra, impresso muito depois de escripto, no qual

(1) E não 1819, como se lê em Innocencio e outros repetiram.

(2) Segundo Theophilo Braga, é preciso juntar-se a estas edições, uma de Hamburgo (1820).

consta que collaborou José Bonifacio de Andrada e Silva, produziu Mello Franco, no dizer de seus biographos, poesias avulsas, que ficaram ineditas, subordinadas ao titulo de « Noites sem somno ».

LIV

Manoel Ayres de Cazal

Natural da villa do Pedrogam Pequeno, em Portugal.

Presbytero secular do grão priorado do Crato, residiu por muitos annos no Brasil, regressando a Portugal, com D. João VI, em 1821.

E' considerado o pae da chorographia brasileira.

Segundo uma informação que se lê no tomo 60, part. 2.ª, da Revista do nosso Instituto historico, á pag. 402, occorreu o seu fallecimento em Lisbôa, no anno de 1834 (Julho).

Deixou :

« Corografia brazilica ou Relação historico-geografica do reino do Brazil ». 2 tomos. *Rio de Janeiro, 1817. Ibi, 1833.*

Alfredo do Valle Cabral, nos « Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de

1808 a 1822 » *(Rio de Janeiro, 1881)* dá desta obra interessantes pormenores.

Os exemplares della que trazem a data de 1845, pertencem á edição de 1833 : está verificado que se lhes mudou apenas a folha do rosto.

LV

Balthazar da Silva Lisbôa

(1761-1840)

Irmão do Visconde de Cayrú e como elle, natural da Bahia.

Graduado *in utroque jure* pela Universidade de Coimbra, foi magistrado, conselheiro da Fazenda e lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, ao crearem-se os nossos cursos juridicos officiaes em 1827.

Desempenhou tambem commissões do dominio das sciencias naturaes em Portugal e no Brasil.

Socio da Academia Real das Sciencias de Lisbôa e do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, deixou, além de outras, impressas e manuscriptas, as seguintes obras :

« Discurso historico, politico e economico dos progressos e estado actual da philosophia natural portugueza, acompanhado de algumas reflexões sobre o estado do Brasil »,

Lisbôa, 1786; « Memoria topographica e economica da comarca de Ilhéos », (vide « Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisbôa », tomo 9); « Riqueza do Brasil em madeiras de construcção e carpintaria ». *Rio de Janeiro, 1823;* « Annaes do Rio de Janeiro, contendo a descoberta e conquista deste paiz, a fundação da cidade, com a historia civil e ecclesiastica, até a chegada d'El-Rei D. João VI; além de noticias topographicas, zoologicas e botanicas ». 7 tomos, *Rio de Janeiro, 1834-35.*

« Materia prima para mais methodico commettimento », considera o conego Fernandes Pinheiro estes « Annaes ».

No tocante ao estylo, reconhece que levam vantagem ás « Memorias de Monsenhor Pizarro ».

LVI

José Francisco Cardoso de Moraes

(1761-1841)

Natural da Bahia, onde era professor regio de latinidade e onde falleceu repentinamente, transitando numa cadeirinha.

Esteve em Portugal e consta ser delle a conhecida decima que appareceu manuscripta e anonyma na occasião em que José Agostinho de Macedo publicava « O Oriente », e que começa :

« Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões... »

Além de outros trabalhos poeticos, já em portuguez, já em latim, deixou, nesta lingua, o seguinte canto heroico, traduzido por Bocage :

« De rebus a Lusitanis ad Tripolim viriliter gestis CARMEN ».

Ulyssipone, 1800.

« Canto heroico sobre as façanhas dos portuguezes na expedição de Tripoli »... traduzido por Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

Rio de Janeiro, 1811.

Este canto sahiu tambem em Lisbòa, no anno em que foi publicado o original.

LVII

Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas

(1762-1814)

Natural do Rio de Janeiro.

Seguindo, aos oito annos, para Portugal e estudadas as humanidades, matriculou-se em direito na Universidade de Coimbra.

Ainda estudante, foi colhido nas malhas do Santo Officio, accusado de pedreiro livre, de cuja imputação se penitenciou.

Concluida a formatura, na volta de curta viagem á França, abriu mão da carreira de magistrado que se lhe offerecia, indo ordenar-se em Roma.

De novo em Portugal, entregou-se ao ministerio do pulpito, rejeitando a Abbadia de Lóbrigos e o Bispado do Rio de Janeiro. Nesta cidade esteve de 1801 a 1805, a ella tornando definitivamente, com a familia real portugueza, por occasião dos acontecimentos que determinaram a entrada do General Ju-

not em Lisbôa, effectuada em 30 de Novembro de 1807.

No anno seguinte ao de sua chegada aqui (1809), diz o Sr. Pereira da Costa, foi Sousa Caldas a Pernambuco, com o fim unico de visitar a Moraes Silva (o lexicographo); e ahi demorando-se algum tempo, prégou em algumas igrejas, entre as quaes a matriz de Moribeca e a igreja de S. Pedro, no Recife, « onde sua eloquencia deixára em todos os espiritos a mais profunda impressão ».

Além de umas « Cartas de Abdir a Irzerumo », imitadas de Montesquieu, duas das quaes foram publicadas na *Revista* do nosso Instituto Historico (tomo III), deixou :

Psalmos de David, vertidos em rythmo portuguez; *Poesias sacras e profanas.* (Vide : *Obras Poeticas*, 2 tomos, Paris, 1820-21.)

Das suas poesias sacras ha tambem edições brasileiras, entre as quaes uma de Nictheroy (1850).

Sousa Caldas foi poeta de singular merecimento. Para proval-o, basta sua traducção dos *Psalmos*, tida por uma das melhores que se conhecem.

LVIII

Cypriano José Barata de Almeida

(1762-1838)

Natural da Bahia.

Bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra, viveu (o que é presumivel) dos recursos da profissão, ao voltar á terra natal, até ser eleito, em reconhecimento ás suas idéas adiantadas, deputado ás Côrtes de Lisbòa, após a revolução de 1820. Nellas tomando assento, se não poude igualar Antonio Carlos na eloquencia, sobrepujou-o em ardor patriotico, sendo um dos sete deputados brasileiros que, ameaçados pela plebe de Lisbôa, embarcaram, ás occultas, para Falmouth, onde publicaram, em manifesto, os motivos de sua retirada das Còrtes e daquella capital.

Eleito deputado á Constituinte Brasileira, convocada por decreto de 3 de Junho de 1822, nella não tomou parte, entregue á propaganda de suas idéas por meio da imprensa.

Preso em Pernambuco, por conspirador, depois da dissolução daquella assembléa e mandado para esta capital, onde passou das prisões das fortalezas para a do navio denominado *Presiganga*, só em 1829 se vio restituido á liberdade.

Voltando á Bahia, foi em 1831 de novo preso e para cá remettido, em consequencia de movimentos occasionados ali pela abdicação de Pedro I. Recolhido á ilha das Cobras, veio a recuperar a liberdade dous annos depois.

Retirando-se então para Pernambuco, passou-se finalmente ao Rio Grande do Norte, onde falleceu obscuramente.

Além de alguns opusculos, que correm impressos, mencionados no « Catalogo da Exposição de Historia do Brasil » (1881), escreveu :

« Sentinella da liberdade á beira do mar da Praia Grande ». *Nitherohy, 1823*. « Sentinella da liberdade na guarita de Pernambuco ». *Pernambuco, 1823*. « Nova Sentinella da liberdade na guarita do Forte de S. Pedro da Bahia de Todos Santos ». *Bahia, 1831*. « Sentinella da liberdade no Rio de Janeiro ». *Rio de Janeiro, 1833*. « Sentinella

da liberdade na guarita de Pernambuco », 2.ª phase. *Pernambuco, 1834-1835.*

A collecção completa dos numeros deste periodico referentes aos annos indicados é mais que rara.

LIX

Fr. Francisco de S. Carlos

(1763-1829)

Natural do Rio de Janeiro.

Franciscano. Prestou serviços á sua Ordem em S. Paulo, Minas Geraes e Espirito Santo e presidiu o convento do Rio de Janeiro, exercendo o magisterio no Seminario de S. José.

Foi prégador regio e examinador da Mesa da Consciencia e Ordens.

Além de sermões e orações sagradas, funebres e festivas, deixou :

A *Assumpção*, poema composto em honra da Santa Virgem, *Rio de Janeiro, 1819. Paris, editor B. L. Garnier, 1862.*

Esta segunda edição é precedida da biographia do autor e de um juizo critico ácerca do poema pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Referindo-se a este poema, diz Pinheiro

Chagas que, « pela poesia das imagens, pela belleza das descripções, rivaliza com a *Messiada,* de Klopstok; ainda que lhe seja inferior na concepção, como lhe é inferior no assumpto ».

A oração funebre nas exequias de Dona Maria I, proferida por S. Carlos, na igreja da Cruz desta cidade, em 1816, é considerada um modelo de eloquencia do pulpito.

LX

José Bonifacio de Andrada e Silva

(1763-1838)

Natural de Santos.

Formou-se nas Faculdades de Philosophia e Direito da Universidade de Coimbra.

Entrando para a Academia Real das Sciencias de Lisbôa, foi, por proposta desta, pensionado pelo governo portuguez para viajar na Europa, o que fez de 1790 a 1800, dando amplo desenvolvimento aos seus estudos na esphera das sciencias naturaes.

Foram seus companheiros, nessa viagem, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá (1762—1835), natural de Serro Frio, em Minas Geraes, e o portuguez Joaquim Pedro Fragoso de Sequeira.

Tornando a Portugal, foi nomeado Intendente Geral das Minas e incumbido da creação de uma cadeira de metallurgia e geognosia, na Universidade de Coimbra, em cujo

exercicio se achava, quando se deu a invasão franceza em Portugal (1807).

Major do batalhão academico, organizado para coadjuvar a defeza do reino, subiu para logo a tenente-coronel, indo depois servir o logar de Intendente da Policia no Porto.

De volta á terra natal em 1819, deixou-se arrebatar pela politica, de 1821 em diante.

Ministro de alto prestigio em 1822 e deputado á Constituinte de 1823, foi, no fim desse mesmo anno, deportado, ao dissolver-se violentamente aquella Assembléa. Redigia então a folha politica « O Tamoyo ».

Esteve em França até 1829 e, uma vez no Brasil, retirou-se á ilha de Paquetá, de onde o foram arrancar os acontecimentos politicos que se seguiram á abdicação de Pedro I.

Nomeado, por este, tutor dos principes que ficavam no Brasil, foi em 1833, destituido dessa tutoria e mettido em processo, accusado de connivente com o partido chamado « restaurador ».

Absolvido, retirou-se de novo a Paquetá, passando-se, por ultimo, a Nictheroy (S. Domingos), onde falleceu.

Seus irmãos, Antonio Carlos (1773-1845) e Martim Francisco (1776-1844), tambem

naturaes de Santos, recommendaram-se como politicos e publicistas, cabendo especialmente a Antonio Carlos a laurea de consummado orador, já advogando valentemente, nas Côrtes de Portugal, os interesses e a dignidade do Brasil, já avultando, como « primus inter pares », na nossa primeira Constituinte. Martim Francisco distinguiu-se tambem como naturalista.

Sabio, poeta e politico, incontestavelmente uma das primeiras figuras da America, deixou José Bonifacio, além de memorias scientificas, discursos academicos, etc. :

« Apontamentos para a civilização dos indios bravos do Imperio do Brasil. »

Rio de Janeiro, 1823.

« Representação á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil sobre a escravatura. »

Paris, 1825. Rio de Janeiro, 1840.

« Poesias avulsas de Americo Elysio. »

Bordéos, 1825. Rio de Janeiro, 1861. Com accrescimos e esboço biographico do autor. — E. e H. LAEMMERT, editores.

LXI

Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles

(1764-1804)

Mineiro. Nascido em Congonhas do Campo, ao que se presume.

Formado pela Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, onde regeu as cadeiras de zoologia, mineralogia, botanica e agricultura, entregou-se especialmente ao estudo da chimica, que no seu tempo já contava cultores como Bertholet, Lavoisier e Fourcroy.

Além de memorias e dissertações, deixou :

« Elementos de Chimica », offerecidos á Sociedade Literaria do Rio de Janeiro, para o seu curso de chimica. Parte 1.ª *Coimbra, 1788*. Parte 2.ª *Ibi, 1790*.

« Nomenclatura chimica portugueza, franceza e latina... »

Lisbôa, 1801.

Os « Elementos de Chimica » na altura dos progressos que até então fizera a scien-

cia, recommendam-se, segundo Varnhagen, em tudo quanto diz respeito ás pedras (v. g. diamantes) e ao trabalho das minas, principalmente de ouro, no Brasil, com a competente nomenclatura.

Contemporaneos de Coelho de Seabra e reputados tambem como scientistas foram José Vieira Couto (1752-1827), mineiro, e João da Silva Feijó (1760-1824), fluminense.

LXII

José Eloy Ottoni

(1764-1851)

Natural da villa do Principe, depois cidade do Serro, em Minas.

Concluidos os primeiros estudos, fez uma viagem á Italia, obtendo, na volta a Minas, a cadeira de grammatica latina da cidade de Minas Novas, então villa do Bom Successo.

No intuito de melhorar de posição passou-se, pouco depois, a Lisbôa, de onde, por influencia da marqueza de Alorna, seguiu para Madrid, como secretario do conde da Ega, embaixador áquella côrte; ahi se demorando até á invasão franceza.

De volta ao Brasil, demorou-se algum tempo na Bahia, tornando ainda a Lisbôa, de onde regressou em 1825 ao Rio de Janeiro, sendo então nomeado official da Secretaria da Marinha.

Deixou :

« Analia de Josino. »

Lisbôa, 1801-02.

« Paraphrase dos proverbios de Salomão, em verso portuguez. »

Bahia, 1815. Rio de Janeiro, 1841.

« Job », traduzido em portuguez e precidido de um discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brasil, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; de uma noticia sobre a vida e poesias do traductor, por Theophilo Benedicto Ottoni, e de um prefacio, extrahido da versão da Biblia por de Genoude.

Rio de Janeiro 1852.

Poesias avulsas de Eloy Ottoni correm insertas nos « Parnasos » de Januario da Cunha Barbosa, Pereira da Silva e Mello Moraes; no « Florilegio » de Varnhagen; no « Mosaico poetico » de Joaquim Norberto e Emilio Adet, no livro de Ferdinand Wolf — Le Brésil littéraire », 2.ª parte. *(Berlim, 1863)*, etc.

LXIII

Conego Luiz Gonçalves dos Santos

(1767-1844)

Natural do Rio de Janeiro.

Aos deveres do sacerdocio juntou os labores do magisterio, nas cadeiras de latim e philosophia, que regeu nesta cidade; batendo-se em tempo, pela causa de nossa Independencia politica, em periodicos e pamphletos.

Além destes ultimos e de obras sobre assumptos religiosos, deixou :

« O Imperio do Brasil, considerado nas sua relações politicas e commerciaes », por La Beaumelle.

Traducção.

Rio de Janeiro, 1824.

« Memorias para servirem á historia do reino do Brasil », divididas em tres épocas : da felicidade, honra e gloria... 2 tomos.

Lisbôa, 1825.

Foi membro do Instituto Historico e Geo-

graphico Brasileiro, em cuja *Revista* (tomo XXV), delle se occupou condignamente o conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, dando noticia, acompanhada de rapida critica, de tudo que escreveu o seu biographado.

LXIV

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

(1769-1811)

Natural da villa de Barcellos, na então Capitania de S. José do Rio Negro (Amazonas).

Alferes de milicias e director da villa de indios de Oeiras, foi mais tarde capitão de caçadores e escrivão da Mesa Grande do Pará, nomeação confirmada pelo principe regente, depois João VI.

Deixou :

Obras litterarias. *Pará, 1850; Lisbôa, 1899.*

Estas obras foram publicadas a primeira vez, por João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, filho do autor.

Entre ellas encontram-se tres dramas em 1 acto, representados no « Theatro da Cidade do Pará » e o soneto, reproduzido em varias selectas, á mameluca Maria Barbara, que preferiu a morte ao adulterio.

LXV

Francisco Villela Barbosa
(Marquez de Paranaguá.)

(1769-1846)

Natural do Rio de Janeiro. Formando-se na Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, serviu na armada portugueza e foi lente substituto e depois cathedratico da Academia Real de Marinha, jubilando-se em 1822.

Deputado, em 1821, pela provincia do Rio de Janeiro, ás Côrtes Constituintes de Lisbôa, regressou ao Brasil em 1823, tomando parte na elaboração da Constituição Politica do Imperio, que assignou e sendo um dos negociadores do tratado de 29 de Agosto de 1825, que reconhecia a nossa Independencia.

Foi senador e, por vezes, ministro.

Além de mathematico, professor e politico, recommendou-se como poeta lyrico.

Perteneceu á Academia Real das Sciencias

de Lisbôa e ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Deixou, além de discursos :

« Poemas ». *Coimbra, 1794.*

« Elementos de Geometria ». *Lisboa, 1815, Rio de Janeiro,* 5.ª edição, 1846.

« Breve tratado de Geometria Spherica », em additamento aos seus « Elementos de Geometria ». *Lisboa, 1817.*

Poesias avulsas de Villela Barbosa encontram-se no « Parnaso », de Pereira da Silva, no « Florilegio », de Varnhagen, e em outras collectaneas de poesias nacionaes. Uma das mais delicadas é a oançoneta « O retrato ».

Antes delle, pela ordem chronologica do nascimento e ao seu lado, na qualidade de mathematico, professor e politico, tambem signatario da nossa Constituição de 1824, colloca-se *Manoel Jacintho Nogueira da Gama*, Marquez de Baependy (1765-1837), natural de São João d'El-Rey, em Minas, que deixou memorias, trabalhos traduzidos de mathematica superior, etc.

LXVI

Marianno José Pereira da Fonseca

(*Marquez de Maricá.*)

(1773-1848)

Natural do Rio de Janeiro. Seguindo aos onze annos para Portugal, cursou as aulas do Real Collegio de Mafra, tomando depois o grau de bacharel em mathematicas e philosophia na Universidade de Coimbra.

Destinava-se a estudar medicina em Edimburgo, quando a morte do pai fel-o voltar, em 1794, ao Rio de Janeiro, onde se entregou a misteres commerciaes; sendo preso, pouco depois, com outros membros da « Sociedade Litteraria », a que se filiara, dissolvida pelo Conde de Rezende. (Veja-se Miniatura Biographica de *Silva Alvarenga.)*

Posto em liberdade depois de incommunicavel por mais de dous annos, continuou no genero de vida que encetara e que fôra o de seu pai : e entrando, finalmente, na carreira official, serviu diversos cargos, sendo,

em seguida á proclamação da Independencia, Ministro da Fazenda, Conselheiro de Estado, signatario da Constituição do Imperio e Senador pela provincia do Rio de Janeiro.

Afastado do movimento politico, passou os ultimos annos da vida escrevendo as maximas, os pensamentos e as reflexões que lhe grangearam a reputação de primeiro moralista da lingua portugueza.

Veja-se :

« Collecção completa das maximas, pensamentos e reflexões do Marquez de Maricá ». Edição revista e emendada pelo autor, augmentada com as maximas, pensamentos e reflexões publicadas em 1844 e 1846 e com as altimas maximas, pensamentos e reflexões do autor. *Rio de Janeiro, E. e H. Laemmert, 1850* e *Paris*, s. d. (1860).

Ha edições recentes destas maximas, pensamentos e reflexões das casas Alves e Garnier desta capital.

LVXII

José Saturnino da Costa Pereira

(1773-1852)

Natural da Colonia do Sacramento (Rio da Prata).

Bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, foi lente da Escola Militar do Brasil desde a sua creação, membro da Junta Directora da Imprensa Nacional, Senador do Imperio, Ministro da Guerra em 1837, etc.

Pertenceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, deixando, além de obras didacticas (« Tratado elementar de mecanica », traducção (1812); « Compendio de Geographia Elementar » (1836); « Elementos de Chronologia » (1840), etc.), as seguintes :

« Diccionario topographico do Imperio do Brasil ». *Rio de Janeiro 1834*.

« Apontamentos para a formação de um roteiro das costas do Brasil, com algumas reflexões sobre o interior das provincias do litoral e suas producções ». *Rio de Janeiro, 1848.*

LXVIII

Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça

(1774-1823)

Irmão do precedente e tambem natural da Colonia do Sacramento, onde se achava seu pai, em serviço militar.

Logo depois de formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, seguiu, em commissão do Governo portuguez, para os Estados Unidos, demorando-se em Philadelphia até 1800.

Dessa viagem escreveu uma memoria que se lê no tomo XXI da Rev. do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro.

De volta a Portugal, foi nomeado Director Litterario da Junta da Impressão Regia, em cujo caracter foi, pouco depois, a Londres, a serviço de seu cargo, sendo, ao regressar, preso como franco-maçon pelo Santo Officio.

Escapando dos carceres da Inquisição,

conservou-se occulto em Lisboa até fugir disfarçado para o Alemtejo e dahi para a Hespanha, passando-se de Gibraltar para Londres, onde fundou o *Correio Brasiliense*, monumental publicação que manteve por espaço de quinze annos prestando á causa de nossa Independencia politica inestimaveis serviços e antecipando-se na condemnação da escravatura, entre nós.

Feita a Independencia, recebeu, já perto de morrer, na capital ingleza, a nomeação de Agente do Governo Brasileiro.

Além de uma grammatica portugueza e ingleza, que teve duas edições *(Londres, 1811 e 1818)*, deixou o inolvidavel patriarcha dos nossos publicistas as seguintes obras:

« Historia breve e authentica do Banco de Inglaterra »... Traduzida em portuguez, *Lisbôa, 1801*.

« Ensaios politicos, economicos e philosophicos de Benjamin, Conde de Rumford », traduzidos em vulgar, 2 tomos. *Lisbôa, 1801*.

« Correio brasiliense ou Armazem literario », 29 volumes. *Londres, 1808-1822*.

« Historia de Portugal », composta em inglez por uma sociedade de literatos, trasladada em vulgar, com as notas da edição

franceza e do traductor portuguez Antonio de Moraes Silva e continuada até os nossos tempos. Nova edição, 3 tomos, *Londres, 1809*.

«Narrativa da perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça», preso e processado em Lisbôa pelo pretenso crime de frac-maçon ou pedreiro livre, etc, 2 tomos. *Londres, 1811. Rio de Janeiro, Ogier, 1841*.

Esta edição brasileira só comprehende um tomo, sendo o 2.º da edição de Londres dedicado á reproducção do antigo regimento do Santo Officio do anno de 1640.

LXIX

José Feliciano Fernandes Pinheiro
(*Visconde de S. Leopoldo.*)

(1774-1847)

Natural de Santos.

Bacharelado em canones pela Universidade de Coimbra em 1798, entrou em Lisbôa, para o estabelecimento litterario do Arco do Cego, dirigido por Fr. Conceição Velloso, voltando em 1801 ao Brasil, com o despacho de juiz encarregado da creação das alfandegas do Rio Grande e Santa Catharina.

Desempenhou, tambem no sul, funcções de caracter militar, assistindo ás campanhas de 1811 e 1812.

Em 1821 tomou assento nas Côrtes de Portugal, com os suffragios do Rio Grande do Sul e S. Paulo, sendo pelas mesmas provincias, eleito, em 1823, Deputado á Constituinte brasileira.

Dissolvida esta, recebeu a nomeação de Presidente do Rio Grande do Sul, sendo

Ministro do Imperio em 1825, Senador por S. Paulo e Conselheiro de Estado no anno seguinte.

Foi socio fundador e primeiro presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa e de outras associações nacionaes e estrangeiras.

Morreu em Porto Alegre.

Além das suas memorias, compiladas e postas em ordem pelo barão Homem de Mello (Vide : Rev. do Instituto Historico, — tomos 37 e 38), deixou :

« Historia nova e completa da America ». *Lisbôa, 1800.*

« Annaes da capitania de S. Pedro. Tomo I. *Rio de Janeiro, 1819.*

Tomo II. *Lisbôa, 1822.*

« Annaes da provincia de S. Pedro ». 2.ª ed. *Paris, 1839.*

« Quaes são os limites pacteados e necessarios do Imperio do Brasil? » (Vide : « Memorias do Instituto Historico ». Tomo I. *Rio de Janeiro, 1839.)*

« Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu de Gusmão. » *Rio de Janeiro, 1841.*

LXX

Raymundo José da Cunha Mattos

(1776-1839)

Natural do Algarve, em Portugal.

Marechal de campo do nosso exercito, deputado em duas legislaturas do imperio, secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc.

Além de umas « Memorias sobre a campanha do primeiro imperador do Brasil no reino de Portugal », de escriptos publicados no « Auxiliador da Industria » e de manuscriptos sobre o Brasil, que se encontram no Instituto Historico, deixou as seguintes obras :

« Repertorio da legislação militar, actualmente em vigor no exercito e armada do Imperio do Brasil », 3 vols. *Rio de Janeiro, 1834-42.*

« Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e

Maranhão pelas provincias de Minas Geraes e Goyaz », seguido de uma descripção chorographica de Goyaz e dos roteiros desta provincia ás de Mato-Grosso e São Paulo, 2 vols. *Rio de Janeiro, 1836.*

« Dissertação ácerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do Imperio do Brasil. » (Vide : Rev. do Inst. Hist. Brasileiro — tomo 26.)

« Chorographia historica da provincia de Goyaz. (Vide : A mesma Rev. — tomos 37 e 38.)

Cunha Mattos era pai de D. GRACIA ERMELINDA, fallecida como elle, no Rio de Janeiro e natural da mesma cidade, joven muito applicada ao estudo da historia e da philosophia, de quem ha escriptos publicados.

LXXI

Fr. Leandro do Sacramento

(1778-1829)

Natural do Recife.

Carmelita. Licenciado em philosophia pela Universidade de Coimbra, foi professor de botanica da Academia Medico-cirurgica do Rio de Janeiro e director do Passeio Publico e do Jardim Botanico da mesma cidade.

Exerceu tambem o logar de procurador geral de sua Ordem.

Além de classificações de muitas plantas do Brasil, merecendo elogios de Augusto Saint-Hilaire e de outras notabilidades, deixou :

« Theses ex-philosophia naturali ».

Conimbricæ, 1806.

« Aguas mineraes de Araxá, no Brasil ». Carta ao Conde da Barca.

(Vide : « Correio Brasiliense ». Tomo 19, *Londres, 1817).*

« Memoria economica sobre a plantação,

cultura e preparação do chá ».

Rio de Janeiro, 1825.

Foi socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Munich, da Orthicultural de Londres, da Sociedade Real de Agricultura e Botanica de Gand e do Instituto Colombiano.

O botanico Raddi propoz o genero « Leandra » na ordem das melastomaceas.

LXXII

Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio

(1778-1830)

Natural do Rio de Janeiro. Franciscano. Occupou logares de sua Ordem na cidade natal, onde tambem foi mestre de theologia e de eloquencia sagrada, prégador regio, examinador da Mesa da Consciencia e Ordens, censor episcopal e deputado da Bulla da Cruzada.

Orador da loja maçonica « Commercio e Artes », influiu activamente na politica, redigindo o « Regulador brasilico-luso » (mais tarde simplesmente « Regulador brasileiro ») e o « Diario do Governo », depois « Diario Fluminense ».

E' tido por um dos primeiros oradores sagrados do seu tempo, entre nós.

Deixou :

Sermões, orações sagradas, funebres e festivas, artigos e discursos politicos.

Para a apreciação deste e de outros préga-

dores nossos, veja-se « O pulpito no Brasil », pelo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, na « Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em Letras », 1.° e unico vol. *Rio de Janeiro, 1867.*

LXXIII

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca

(1779-1825)

Natural do Recife.

Tomou o habito no convento do Carmo de sua terra natal, em 1796, ordenando-se em 1801.

Mestre de rhetorica, philosophia e geometria, occupou o logar de definidor em sua Ordem, prestando-lhe ainda outros serviços.

Implicado na revolução republicana de 1817, foi preso e remettido para os carceres da Bahia, ahi permanecendo por quatro annos. Recuperada a liberdade, voltou a Pernambuco, onde os acontecimentos que desligaram o Brasil de Portugal encontraram nelle o mais desvelado dos patriotas.

Redactor do ardente periodico — o « Typhis Pernambucano » (1823-24), empenhou-se no movimento revolucionario que proclamou, no norte do paiz, a mallograda Confe-

deração do Equador, expiando, com o fusilamento, o amòr á liberdade e á Patria.

Deixou :

Poesias, sermões, trabalhos didacticos, escriptos politicos, etc.

(Vide : « Obras politicas e literarias... » colleccionadas pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello, 2 tomos. *Recife, 1875-76)*.

Caneca erá alcunha de seu pai, Domingos da Silva Rabello.

LXXIV

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO

(1779-1848)

Natural da Bahia.

Bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, fez parte, em 1821, da Junta Provisoria de sua provincia, de que foi, mais tarde, presidente, representando-a tambem na Camara dos Deputados, de 1834 a 1837.

Morreu senador do Imperio pela Provincia do Rio Grande do Norte.

Deixou :

« Carta de um membro da patriotica junta do governo provisorio da Provincia da Bahia », com um appendice.

Lisbôa, 1822.

« Epithalamio », seguido de tres « elogios ». *Rio de Janeiro, 1844.*

Odes, epistolas, glosas, etc.

« Era litterato e poeta estimado por seus contemporaneos, diz Macedo, applaudido e altamente elogiado por elles. »

Nos « classicos e romanticos », exercicios poeticos de Francisco Moniz Barreto, o repentista, encontra-se uma glosa de Paulo José de Mello, ao motte que lhe dera D. Pedro II :

Em linda marinha concha
Vai Neptuno mui taful...

LXXV

Domingos Borges de Barros
(*Visconde da Pedra Branca.*)

(1779-1855)

Natural de Santo Amaro, na Bahia.

Graduado em philosophia pela Universidade de Coimbra, foi deputado ás côrtes constituintes portuguezas, onde se pronunciou pela emancipação politica da mulher.

Passando á França, foi encarregado de obter da respectiva côrte o reconhecimento de nossa Independencia, cabendo-lhe tambem, mais tarde, ajustar o casamento da princeza D. Amelia, duqueza de Leuchtemberg, com o primeiro imperador do Brasil, a cujo conselho pertenceu.

Senador desde 1826, pouco se mostrou na Camara, então vitalicia.

Entregue nos ultimos annos especialmente á agricultura, já sobre este assumpto publicára alguns artigos no « Patriota ». *Rio de Janeiro, 1813-14.*

Além de um pequeno diccionario francez-portuguez e portuguez-francez, impresso em Paris (1812), deixou :

« O merecimento das mulheres ». Poema de G. Legouvé do Instituto de França. Traducção. *Rio de Janeiro, 1813.*

« Poesias » offerecidas ás senhoras brasileiras por um Bahiano, 2 vols. *Paris, 1825.*

« Novas poesias », offerecidas ás senhoras brasileiras por um Bahiano, *Rio de Janeiro, 1841.*

« Os tumulos ». Poema philosophico. *Bahia, 1850.*

A traducção do poemeto de Gabriel Legouvé encontra-se tambem na collecção indicada das « Poesias » impressas em Pariz.

LXXVI

D. Beatriz Francisca de Assis Brandão

(1779-1868)

Natural de Villa Rica, hoje Ouro Preto, em Minas.

Tendo aprendido as primeiras lettras e a musica, entregou-se, por iniciativa propria, ao estudo das linguas franceza e italiana, ajudada por um amigo de sua familia.

Com estes elementos desenvolveu-se-lhe o estro e o amor ás bellas lettras.

Falleceu nesta capital, onde já de ha muito vivia, tendo residido tambem algum tempo em Nictheroy.

Deixou :

« Cantos da Mocidade », vol. 1.°
Rio de Janeiro, 1856.

« Cartas de Leandro e Hero. » Traducção.
Rio de Janeiro, 1859.

« Romances » imitados de Gesner.
Rio de Janeiro, s. d.

« Catão », drama tragico pelo Abbade Pedro Metastasio, traduzido do italiano.

Rio de Janeiro, 1860.

Suas producções ineditas, que em tempo estiveram em poder de Joaquim Norberto, dariam materia para quatro volumes iguaes ao primeiro dos « Cantos da Mocidade », cuja publicação não proseguiu.

Seu nome figura com louvór no « Parnaso Brasileiro » do Conego Januario. Era parenta proxima de D. Maria Dorothéa Joaquina de Seixas Brandão — Marilia de Dirceu.

LXXVII

Conego Januario da Cunha Barbosa

(1780-1846)

Natural do Rio de Janeiro.

Ordenado em 1803, foi prégador da capella real em 1808, professor publico de philosophia e ardente propugnador da Independencia do Brasil no jornal « Reverbero Constitucional Fluminense » (1821-1822), de que foi fundador, com Joaquim Gonçalves Ledo. Exilado em fins de 1822, voltou no anno seguinte á patria, sendo deputado á Assembléa Geral em sua primeira legislatura, eleito pelas provincias de Minas e Rio de Janeiro, examinador synodal, chronista do Imperio, director da Imprensa e Bibliotheca nacionaes e ainda deputado em 1845.

Fundou em 1838, com o Marechal Cunha Mattos, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era Secretario perpetuo.

Incansavel no trabalho e no estudo, per-

tenceu a muitas associações litterarias e scientificas, nacionaes e estrangeiras.

Além de sermões e orações sagradas, de discursos e artigos litterarios e politicos, de memorias, biographias, etc., deixou :

« Nicteroy » Metamorphose do Rio de Janeiro.

Londres, 1822.

« Parnaso Brasileiro » ou collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas. 8 cadernos em 2 volumes.

Rio de Janeiro, 1829-1832.

« A rusga da Praia Grande ou o quixotismo do general das massas. » Comedia politica em 3 actos e em prosa.

Rio de Janeiro, 1834.

« Os Carimpeiros. » Poema heroi-comico, em quatrò cantòs.

Rio de Janeiro, 1838.

LXXVIII

Caetano Lopes de Moura

(1780-1860)

Natural da Bahia.

Tendo cursado medicina na Universidade de Coimbra, serviu no corpo de Saude do Exercito portuguez, durante a guerra peninsular, mudando-se, terminada esta, para a França, onde confirmou os seus estudos medicos, doutorando-se em Paris.

Ahi fixou residencia e falleceu, tendo servido, por algum tempo, no exercito francez.

Deixou, além de outras obras sobre diversos assumptos :

« Castrioto lusitano » ou historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes... Por Fr. Raphael de Jesus. Nova edição, segundo a de 1679, etc.

Paris, 1844.

« Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brasil »...

Obra de J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, trasladada em portuguez do Manuscripto inedito francez, com numerosas observações e addições, etc. 2 tomos.

Paris, 1845.

« Harmonias da criação »... *Paris, 1846. Ibi, 1860.*

« Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz », pela primeira vez impresso sobre o manuscripto da Vaticana, com algumas notas illustrativas e uma prefacção historico-litteraria.

Paris, 1847.

« Os Lusiadas » de Luiz de Camões. Nova edição... enriquecida de novas notas e de uma prefacção.

Paris, 1847. Ibi, 1859.

« Epitome chronologico da historia do Brasil. »

Paris, 1860.

Lopes de Moura verteu para nossa lingua originaes de La Rochefoucauld, Châteaubriand, Walter Scott, Kotzebue, Cooper, etc., e as celebres « Cartas de Heloisa e Abailard », fazendo-as acompanhar das « Cartas amorosas de uma religiosa portugueza » (Marianna-

Alcoforado), restituidas á lingua materna por D. José Maria de Souza, Morgado de Matheus e augmentadas com as imitações de Dorat e outras, tambem traduzidas.

Sobre a parte que teve na nova edição do « Castrioto lusitano », leia-se Innocencio, á pagina 48, do tomo 7.° de seu Diccionario.

LXXIX

Antonio Ladislau Monteiro Baena

(1781-1850)

Natural de Lisbôa.

Chegando ao Pará em 1803, na qualidade de ajudante de campo do Capitão-General Conde dos Arcos, não sahiu mais do Brasil, a cuja Independencia adheriu, dedicando-se a seu serviço.

Reformado no posto de tenente-coronel, foi professor da Aula Militar que funccionava então na provincia do Pará, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc.

Além de memorias, biographias e outros escriptos, deixou :

« Compendio das eras da provincia do Pará. »

Pará, 1838.

« Ensaio corographico sobre a provincia do Pará. »

Pará, 1839.

« A sorte de Francisco Caldeira Castello Branco, na sua fundação da Capital do Grão-Pará. » Drama.

Pará, 1849.

LXXX

Antonio Moniz de Sousa

(1782-1857)

Sergipano. Agricultor ou criador, grande excursionista e viajante, intitulava-se *o homem da natureza*. Morreu em Nictheroy, deixando, além de um manuscripto que se acha no nosso Instituto Historico :

« Viagens e observações de hum brazileiro, que desejando ser util á sua Patria, se dedicou a estudar os usos e costumes dos seus patricios e os tres reinos da natureza, em varios logares e sertões do Brasil », offerecidas á nação brasileira. Tomo primeiro.

Rio de Janeiro, 1834.

« Maximas e pensamentos praticados por Antonio Moniz de Souza, *o homem da natureza*, em suas viagens pelos sertões do Brasil, desde 1812 até 1840. » Publicados por um seu amigo. *Nictheroy, 1845.*

Das « Viagens e Observações » não se publicou outro tomo.

LXXXI

Fr. Francisco de Monte Alverne

(1784-1858)

Natural do Rio de Janeiro. Franciscano. Professou em 1802, chegando a occupar em sua Ordem os cargos de custodio e provincial.

Foi prégador régio, lente de philosophia, de eloquencia e de theologia, examinador da Mesa da Consciencia e Ordens, theologo da Nunciatura Apostolica e examinador synodal.

Já celebrizado como orador e philosopho, cegou em 1836.

Manteve-se, desde então, retirado em sua cella, prégando pela ultima vez na igreja da Gloria desta cidade, em 1855. No anno anterior proferira na capella imperial, com exito brilhantissimo, o panegyrico de São Pedro de Alcantara.

Monte Alverne foi presidente perpetuo da sociedade Emulação Philosophica, socio honorario do Instituto Historico e Geogra-

phico Brasileiro e pertenceu a outras sociedades litterarias.

Chamava-se no seculo Francisco José de Carvalho.

Deixou :

« Obras oratorias », 4 tomos.

Rio de Janeiro, 1853.

« Compendio de philosophia. » Editor, Francisco Luiz Pinto.

Rio de Janeiro, 1859.

« Trabalhos oratorios e literarios », colligidos por Camara Bittencourt (Raymundo).

Rio de Janeiro, 1863.

Das « Obras oratorias » ha uma edição portugueza de 1867.

LXXXII

João Gualberto Ferreira dos Santos Reis

(1787-1854)

Natural de Santo Amaro, na Bahia.

Veterano da Independencia do Brasil, a cuja causa prestou serviços militares em sua provincia, foi professor official de latim.

Além de muitas composições poeticas nessa lingua, deixou :

« Da criação dos bois no Brasil. » Traducção do poema bucolico « De cura bovum, in Brasilia » de José Rodrigues de Mello, Lusitano-Portuense. Com o texto latino em frente. *Bahia, 1817.*

Poesias, 4 volumes.

Bahia, 1827-1833.

« Eneida » de P. Virgilio Marão. Traducção dos cantos I a VIII. 2 tomos. *Bahia, 1845.*

Sabe-se que fez ainda outras versões do latim para portuguez, entre as quaes a do « Canto do assucar » (De sacchari opificio

carmen) do Padre Prudencio do Amaral. Era irmão mais velho de *Ladislau dos Santos Titara*, autor das « Memorias do grande Exercito alliado, libertador do sul da America, na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Prata » e de obras poeticas, inclusivé o poema epico « Paraguassú ».

LXXXIII

D. Romualdo Antonio de Seixas

(Marquez de Santa Cruz)

(1787-1860)

Paraense, natural de Cametá.

Encetando os estudos sob as vistas de seu tio, o illustre prelado D. Romualdo de Sousa Coelho, foi enviado por este, afim de completal-os, para a casa da Congregação do Oratorio de Lisboa, onde teve por um dos mestres o celebre Padre Theodoro de Almeida.

De volta no Pará, leccionou latim, rhetorica e philosophia no Seminario Episcopal. Sub-diacono, diacono e presbytero, foi parocho em Cametá, depois vigario geral da provincia e mais tarde vigario capitular.

Nomeado arcebispo da Bahia em 1826, tomou posse e fez sua entrada na archidiocese em 1828.

Foi presidente da Junta Provisoria Governativa do Pará em 1821 e 1823 e representou,

na Camara dos Deputados, aquella provincia e a da Bahia, em mais de uma legislatura. Celebrou em 1841, como metropolita e primaz do Brasil, na solennidade da sagração do segundo Imperador, sendo agraciado por este com a grã-cruz da Ordem de Christo, com o titulo de Conde e depois Marquez de Santa Cruz.

Era socio da Academia Real das Sciencias de Munich, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e de outras sociedades scientificas e litterarias, como o Instituto Historico da Bahia, em sua primeira phase (1856), de que foi presidente.

Deixou, além de suas memorias, publicadas pelo Padre Fonseca Lima *(Rio de Janeiro, 1861) :*

Sermões, orações sagradas, academicas e parlamentares, escriptos historicos, pastoraes, etc. (Vide : Collecção das obras do Exmo. e Rvmo. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas... 6 vols.

Pernambuco e Bahia, 1839-1858.

LXXXIV

Padre Francisco Ferreira Barreto

(1790-1851)

Natural do Recife.

Recebendo ordens sacras, foi coadjutor da freguezia de Santo Antonio da sua cidade natal, e depois vigario da de S. Frei Pedro Gonçalves.

Figurou na politica, já fazendo parte da constituinte de 1823, já militando na imprensa (« O Relator Verdadeiro » — *Recife, 1821*; « O Amigo do Povo », « O Cruzeiro », etc.), já representando saliente papel na sociedade secreta denominada « Columna do throno e do altar ».

Dissolvida esta, foi obrigado a emigrar, passando-se a Lisbôa, onde, diz Innocencio, « frequentou a sociedade dos mais estrenuos realistas daquella época ».

Restituido, emfim, á terra do nascimento, foi director do Lyceu Pernambucano e Deputado provincial.

Deixou :

Sermões e orações sagrados, discursos politicos, dissertações, odes, sonetos, decimas, o poemeto « A creação do homem e da mulher », etc.

(Vide : Obras religiosas e profanas... colleccionadas pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello — 2 volumes. *Recife, 1874*).

LXXXV

Miguel do Sacramento Lopes Gama

(1791-1852)

Natural do Recife.

Professou o instituto de S. Bento no mosteiro da Bahia, secularizando-se annos depois.

Dedicado ao magisterio e á politica, leccionou officialmente no Recife rhetorica e portuguez, representando, em uma legislatura, a provincia das Alagoas na Camara temporaria, e sendo, por vezes, deputado á Assembléa de Pernambuco.

Occupou tambem logares administrativos, affectos a instrucção publica, deixando, além de outros escriptos satyricos e varias traducções :

« A Columneida », poema heroi-comico, em 4 cantos.

Pernambuco, 1832.

« O carapucciro », periodico sempre moral e só, « per accidens », politico.

Pernambuco, 1832-34, 1837-43, 1847.
« Lições de eloquencia nacional », 2 vols
Rio de Janeiro, 1846. Pernambuco, 1851.
« Selecta classica »... *Pernambuco, 1866.*
Esta já é segunda edição.

LXXXVI

D. Delphina Benigna da Cunha

(1791-1857)

Rio-grandense do Sul.

Victima da variola aos vinte mezes de idade e cega, desde então, por effeito dessa doença, revelou-se poetisa aos doze annos, tornando-se mais tarde improvisadora.

Vindo para o Rio de Janeiro, aqui falleceu, tendo feito uma viagem á Bahia, entre outras á sua provincia.

Deixou : « Poesias », offerecidas ás senhoras riograndenses. *Porto Alegre, 1834.*

« Poesias », offerecidas ás senhoras brasileiras. *Rio de Janeiro, 1838.*

« Collecção de varias poesias »... *Rio de Janeiro, 1846.*

E' digna de menção a poesia que compoz á morte de seus pais, na qual ha o seguinte verso :

> Foi perdendo-os, que eu vi que nada via.

LXXXVII

Padre João Barbosa Cordeiro

(1792-1864)

Natural de Goyana, em Pernambuco.

Assumindo o sacerdocio, foi vigario em Porto-Alegre, freguezia do Rio Grande do Norte e em seguida na da Granja, no Ceará, passando-se, por ultimo, para a de Nossa Senhora dos Prazeres, em Maceió, onde falleceu.

Envolvido nas revoluções de 1817 e 1824, chegou, no periodo regencial, a tomar assento, por sua provincia, na Camara temporaria.

« Como representante da nação, diz o Padre Lino do Monte Carmelo Luna, correspondeu bem á confiança que nelle se depositava e deu, no recinto do Parlamento, inconcussas provas de seu talento. »

Entre outros periodicos, redigiu o *Propugnador Catholico* de Maceió, deixando, além de traducções e varios escriptos :

« Os cinco mil », poema tragico-comico-satyrico-politico-moral.

Pernambuco, 1848.

« Arco Verde ou a gloria dos Tabayrés ». Drama historico nacional em cinco actos.

Pernambuco, 1850.

Este drama, dictado, aliás, por convicto patriotismo, pecca por não reflectir, quanto possivel, a época em que sua acção se desenvolve (1535) : as figuras falam e agem como se fossem contemporaneas do autor.

LXXXVIII

Candido José de Araujo Vianna
(Marquez de Sapucahy.)

(1793-1875)

Natural de Sabará, em Minas Geraes.

Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, de volta ao Brasil, dedicou-se ao seu serviço, chegando, na magistratura, a Ministro do Supremo Tribunal de Justiça e, na politica, a Deputado, Presidente de Provincia, Ministro de Estado e Senador.

Foi Presidente, durante trinta annos, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Deixou discursos, poesias, escriptos politicos, etc.

Dentre os escriptos politicos faz-se especial menção do que sahiu no *Correio Official* de 28 de Dezembro de 1833, reproduzido na obra « O primeiro reinado », de Luiz Francisco da Veiga *(Rio de Janeiro, 1877)*, contestando a José Bonifacio o titulo de patriarcha da Independencia do Brasil.

São conhecidissimas as singelas quadras, dedicadas por Araujo Vianna á memoria da filha, a primeira das quaes é a seguinte :

> Da planta que mais presavas,
> Que era, filha, os teus amores,
> Venho, de pranto orvalhadas,
> Trazer-te as primeiras flôres...

LXXXIX

Francisco Moniz Tavares

(1793-1875)

Natural do Recife.

Já presbytero secular em 1817, tomou parte na revolução pernambucana desse anno, sendo em 1821 deputado ás côrtes portuguezas e, dous annos depois, á constituinte brasileira.

De 1826 a 1832 foi secretario de nossa legação em Roma, representando, ainda uma vez, sua provincia, na legislatura geral de 1845 a 1847.

Doutor em theologia pela Universidade de Paris, foi monsenhor honorario da Capella Imperial, socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundador e primeiro presidente do Instituto Archeologico pernambucano, etc.

Deixou : « Historia da revolução de Pernambuco de 1817 ». — *Pernambuco, 1840.* — *Recife*, 2.ª *ed.*, *1884.*

XC

ANTONIO JOAQUIM DE MELLO

(1794-1873)

Natural de Recife.

Procurador fiscal da Thesouraria de Fazenda de Pernambuco, tendo sido anteriormente tabellião do judicial e notas, exerceu cargos de eleição popular e de nomeação do governo, como o de presidente da Parahyba, no começo do periodo regencial.

De opiniões accentuadamente liberaes, esteve envolvido em mais de um processo politico.

Deixou : « Versos ». — *Pernambuco, 1847.*

« Biographias de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco ». *Recife, 1856-58-59. — Ibi, 1895-96.*

Sob sua direcção, se publicaram as obras de frei Caneca e do vigario Ferreira Barreto.

XCI

José da Natividade Saldanha

(1796-1830)

Natural de Jaboatão, em Pernambuco.

Feitos os primeiros estudos no Seminario de Olinda, matriculou-se em 1819, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel « in utroque jure ».

Apenas de volta a Pernambuco, foi eleito secretario da Junta Governativa da Provincia, acompanhando Paes de Andrade, presidente da mesma, na revolução que proclamou a Confederação do Equador (Julho de 1824).

Supplantada esta, refugiou-se na Inglaterra, reunindo-se ao ex-presidente revolucionario.

Passando-se dahi á França, desta aos Estados Unidos e ao Mexico, e deste á Republica da Colombia, achava-se em Agosto de 1825 em Caracas.

Morreu desastrosamente em Bogotá, onde leccionava para viver, afogando-se, em noite tempestuosa, numa valla da rua.

Além de trabalhos que se extraviaram, escreveu :

Sonetos, odes, cantatas, dythirambos, etc.

(Vide « Poesias »... colleccionadas, annotadas e precedidas de um estudo historico-biographico, por José Augusto Ferreira da Costa. (*Pernambuco, 1875.*)

« O Argos pernambucano ».

Pernambuco, 1824 (4 numeros).

Ainda estudante em Coimbra, publicou Natividade Saldanha uma pequena collecção de poesias com o titulo « Poesias offerecidas aos amantes do Brasil » *(Coimbra, 1822)*, reproduzidas na edição de Ferreira da Costa.

Dellas sobresahem as odes a André Vidal, Filipe Camarão, Henrique Dias e Francisco Rebello, heroes de nossas lutas com os hollandezes.

XCII

José Ignacio de Abreu e Lima

(1796-1869)

Pernambucano. Filho de José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, o Padre Roma, depois do fuzilamento deste, por implicado na revolução de 1817, retirou-se do Brasil, já como capitão de artilharia, indo offerecer seus serviços á causa da independencia da Colombia e Venezuella, militando sob as ordens de Simão Bolivar, Paez e outros.

Voltando á patria depois de 1831, foram-lhe concedidos os direitos que perdera de cidadão brasileiro, sendo-lhe permittido o uso dos titulos e distincções que alcançara nas Republicas por cuja liberdade se batera.

Dedicou-se então aos estudos historicos e philosophicos de que dão testemunho as suas obras, achando-se envolvido, em 1849, em processo politico, na qualidade de amigo de Nunes Machado e redactor de uma folha liberal « A Barca de São Pedro ».

Deixou, além de outros escriptos publicados e ineditos :

« Bosquejo historico, politico e literario do Imperio do Brasil ». *Nictheroy, 1835.*

« Compendio da historia do Brasil », 2 tomos. — *Rio de Janeiro, 1843.* — *Ib.*, s. d., 2.ª ed. em 1 vol., menos os documentos appensos á 1.ª

« Resposta ao Conego Januario da Cunha Barbosa », ou Analyse do primeiro juizo de Francisco Adolpho de Varnhagen ácerca do « Compendio da historia do Brasil ». *Pernambuco, 1844.*

« Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da historia do Brasil ». *Pernambuco, 1845.*

« Historia Universal », desde os tempos mais remotos até os nossos dias ». Composta sobre o plano de Gabriel Godofredo Bredow... 5 tomos. — *Rio de Janeiro, 1846-47.*

« O Socialismo ». — *Recife, 1855.*

« As Biblias falsificadas » ou duas respostas ao Sr. Conego Joaquim Pinto de Campos, pelo Christão velho. — *Recife, 1867.*

« O Deus dos judeus e o Deus dos christãos ». — Terceira resposta ao Sr. Joaquim Pinto de Campos. — *Pernambuco, 1867.*

A' « Historia Universal », em que não apparece o nome de Abreu e Lima, dando-se a mesma simplesmente como escripta por um brasileiro, foi addicionado um appendice, da lavra de Pereira da Silva, sobre a revolução franceza de 1848.

XCIII

Manoel Alves Branco
(Visconde de Caravellas.)

(1797-1855)

Natural da Bahia.

Bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, foi juiz, deputado e senador, ministro e presidente de conselho.

E' collocado entre os poetas brasileiros por suas odes á liberdade (1820) ao dia 2 de Julho e á primavera. (Vide : « Minerva brasiliense » (1843), « Parnaso » de Pereira da Silva e « Florilegio » de Varnhagen.)

Além dellas, deixou discursos parlamentares e outros.

XCIV

Evaristo Ferreira da Veiga

(1799-1837)

Natural do Rio de Janeiro.

Aprendidas as primeiras letras com seu pai, que, de professor primario, passou a commerciar, como livreiro, na rua da Alfandega, desta cidade, habilitou-se em diversas materias de instrucção secundaria, entrando, aos dezenove annos, na qualidade de caixeiro, para a loja paterna, onde continuou a cultivar a intelligencia.

Estabelecido, annos depois, por conta propria, tornou-se um dos homens mais conhecidos e apreciados da época, conseguindo fazer de sua livraria, á rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma depois) o ponto de reunião do que havia, no Rio de Janeiro, de mais selecto, especialmente nas letras e na politica.

Redactor principal, desde 1828 e por fim, unico da *Aurora Fluminense*, até 1835, representou a provincia de Minas na Camara

dos Deputados, sendo, como jornalista, o mais influente e acatado de quantos, então, terçavam armas, no Imperio.

São inolvidaveis os seus serviços á liberdade e á ordem, antes e depois da abdicação de Pedro I.

Pertenceu á Arcadia de Roma e a outras associações. Uma dellas, a sociedade brasileira « Amante da Instrucção », de que era elle socio benemerito, prestou-lhe significativa homenagem num opusculo, que corre impresso, sob o titulo : « Honras e saudades á memoria de Evaristo Ferreira da Veiga ». *Rio de Janeiro, 1837.* — Nesse opusculo sobresahe o elogio do commemorado, escripto pelo Dr. Luiz Vicente De Simone.

Justamente cognominado — O Publicista da Regencia —, deixou Evaristo :

Poesias, entre as quaes hymnos patrioticos. (Vide : « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro. Tomo XL — 2.ª parte.)

« A Aurora Fluminense ». Jornal politico e litterario. *Rio de Janeiro, 1827-35.*

De 1830 em deante, o sub-titulo desappareceu da « Aurora ». Esta, depois da retirada de Evaristo em 1835, durou ainda quatro annos.

XCV

Manoel Odorico Mendes

(1799-1864)

Natural de S. Luiz de Maranhão.

Interrompendo os estudos na Universidade de Coimbra, em cuja Faculdade de Medicina pretendia graduar-se, voltou á terra natal em 1824, entregando-se ao jornalismo.

Deputado por sua provincia nas primeiras legislaturas geraes e por Minas na sexta, influiu patrioticamente na politica de seu tempo, pela penna e pela palavra, fundando, nesta cidade, com Evaristo da Veiga e outros, a Sociedade « Defensora da Liberdade e Independencia Nacional », de que foi presidente.

Aposentado no cargo de inspector da Thesouraria Geral da Provincia do Rio, foi fixar residencia na Europa.

Morreu repentinamente em Londres, viajando em estrada de ferro.

Deixou : « Merope », tragedia de Voltaire,

traduzida em portuguez. *Rio de Janeiro, 1831.*

« Hymno á tarde ». *Rio de Janeiro, 1832.*

« Tancredo », tragedia de Voltaire, traduzida em portuguez. *Rio de Janeiro, 1839.*

« Virgilio brasileiro » ou traducção do poeta latino. *Paris, 1858.*

« Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor », no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. *Lisbôa, 1860.*

« Illiada », poema de Homero, em verso portuguez. *Rio de Janeiro, 1874.*

Sabe-se que tambem concluiu a traducção da « Odysséa ».

Sonetos e outras poesias de Odorico encontram-se no « Pantheon Maranhense » e « Parnaso Maranhense ».

O « Hymno á tarde » vem tambem na « Minerva brasiliense » e na obra de Ferdinand Wolf — « Le Brésil littéraire ».

XCVI

Francisco Sotero dos Reis

(1800-1871)

Natural de S. Luiz do Maranhão.

Fundador e collaborador de diversos jornaes, a começar pelo « Maranhense » (1825), fez parte dos Conselhos Geraes de sua provincia e foi, por vezes, depois de 1834, deputado á mesma.

Tornou-se principalmente conhecido por seus dotes de professor abalizado e erudito critico litterario. Sempre dedicado ao magisterio, jubilou-se na cadeira de latim do Lyceu de S. Luiz.

Deixou : Ode ao anniversario da Independencia do Maranhão. (Vide : « Pharol Maranhense », de 28 de Julho de 1831).

« Postillas de grammatica geral »... *S. Luiz, 1862*, 2.ª ed., *1868*.

« Commentarios de Caio Julio Cesar », traduzidos em portuguez. *S. Luiz* (Maranhão), *1863-69*.

« Grammatica portugueza »... *Maranhão*, *1866*, 2.ª ed., *1871*.

« Curso de literatura portugueza e brasileira »... 5 vols., *Maranhão*, *1866-73*.

Segundo Henriques Leal, Sotero traduziu tambem os « Annaes » de Tacito, versos de Tibullo, « Phedra » de Racine e « Atala » de Chateaubriand; traducções que se perderam.

Da « Phedra » escapou o episodio da morte de Hypolito, que foi publicado no « Parnaso Maranhense » (1861).

FIM

INDICE

DO AUTOR

ERRATA

Pag.	*onde se lê*	*leia-se*
13	1863.	1873.
30	1878,	1718.
47	Benedicto,	Benedictino.
49	1871,	1781.
63	Junta da Providencia,	Junta de Providencia.
67	A Declaração tragica,	A Declamação tragica.
89 (nota)	Ulbi,	Ubi.
126	(1765 — 1837),	(1765 — 1847).
151	Carimpeiros,	Garimpeiros.

cidade, os versos da « Lyra de hontem », [illegible]
com prazer, agradam; são feitos com cuidado e
amor e são correctos.

DO AUTOR

Escorços litterarios. — Lyra de hontem. — D. Maria de Sousa, — « Libertas quæ sera tamen » — Nuvem desfeita. — Através do theatro brasileiro. — *Rio de Janeiro e Paris, H. Garnier, livreiro-editor, 1909.*

Chichorro da Gama. — **Escorços Litterarios**. — H. Garnier, livreiro-editor. — Rio de Janeiro.

Os « Escorços Litterarios » do sr. A. C. Chichorro da Gama se compõem de « Lyra de hontem » — versos, « D. Maria de Sousa » — episodio historico-dramatico, « Libertas quæ sera tamen » — drama, « Nuvem desfeita » — comedia, e « Através do theatro brasileiro » — resenha dos auctores fallecidos e das peças que escreveram.

Os versos da « Lyra de hontem » são, na sua maior parte, poesias allusivas aos feitos heroicos da nossa, posto que curta, já gloriosa historia, ou aos grandes vultos nacionaes; estas, como aliás todas as composições poeticas do ardoroso patriota, poder-se-iam filiar, todas, á chamada escola condoreira, chefiada na Bahia pelo immortal cantor epico dos *Escravos*.

Escriptos entre lazeres de estudante e ardores de mocidade, os versos da « Lyra de hontem », lêem-se com prazer, agradam; são feitos com cuidado e amor e são correctos.

Deixa excellente impressão a leitura do episodio historico-dramatico D. Maria de Sousa, modelo de fortaleza d'alma e coragem civica, que o auctor soube pôr em notavel relevo. O heroismo tão apregoado de Philippa de Vilhena fica, sem duvida, obscurecido pela grandeza heroica da pernambucana illustre.

Desse lindo « escorço » talvez o auctor, com o talento que mostra para o theatro, pudesse tirar um magnifico drama historico.

O drama « Libertas quæ sera tamen » parece-nos de bello effeito, representado. E' uma bella peça, bem apanhada, bem dramatizada. O typo de Maria Ephigenia, recitando os versos do celebre soneto de Alvarenga:

Amada filha, é já chegado o dia... deve ser de um bello effeito em scena.

« Libertas quæ sera tamen », repetimos, é um bello drama.

A comedia, *lever de rideau* antes, « Nuvem desfeita » é ainda um attestado das aptidões do auctor para o theatro.

Fecha o livro uma bem feita e, que nos pareceu, bem completa resenha de auctores de peças de theatro do seculo XIX para cá, excluidos os vivos. Com a publicação destas noticias bibliographicas, que abrangem mais de 110 auctores, presta o sr. Chichorro da Gama relevante serviço ás letras patrias. Cada vez é mais patente a falta que nos faz um bom diccionario bio-bibliographico de escriptores nacionaes — foi o que pensavamos, á proporção que folheavamos, a ultima parte do apreciavel livro do sr. A. C. Chichorro da Gama — NECKWER. « Vozes de Petropolis ». 1909 (Nov.).

TYP. AILLAUD, ALVES & C^{ia}.